

## A ORDEM DO VERBO NA HISTÓRIA DO PB: QUESTÕES PARA PERIODIZAÇÃO<sup>1</sup>

VERB ORDER IN THE HISTORY OF BP: ISSUES FOR PERIODISATION

Paulo Ângelo Araújo-Adriano | [Lattes](#) | [pauloangelo@usp.br](mailto:pauloangelo@usp.br)

Universidade de São Paulo

Williane Corôa | [Lattes](#) | [williscorao@gmail.com](mailto:williscoroa@gmail.com)

Universidade do Estado da Bahia

**Resumo:** O objetivo principal deste artigo é apresentar novos elementos para a periodização do português brasileiro (PB). Situamo-nos no campo disciplinar da Sintaxe diacrônica, na perspectiva gerativista, e analisamos a ordem do verbo em textos – anotados morfológica e sintaticamente – que fazem parte do Corpus Tycho Brahe-Brasil, com fins de oferecer novos elementos sobre a periodização do português no Brasil. Escritos por indivíduos nascidos no Brasil, os textos dão conta de um grande período: desde o século 17 até o século 21. Apresentamos evidências de que o português escrito no Brasil apresenta três grandes períodos: o Período I, cuja gramática reflete propriedades do português clássico, considerada “a língua das caravelas”, por Galves (2007); Período II, cujos verbos lexicais e auxiliarem perdem movimento, deixando de subir até a periferia esquerda da sentença, mas subindo até uma posição de tempo; e o Período III, em que há adicional perda de movimento em relação aos verbos lexicais, mas não aos auxiliares. Esses resultados parecem validar a hipótese defendida por Ribeiro (1998) e Galves (2007) de que as origens do PB são anteriores ao século XIX e auxiliam a repensar a periodização da língua portuguesa no Brasil.

**Palavras-chave:** Periodização do português brasileiro. Ordem do verbo. Movimento do verbo.

<sup>1</sup> Este artigo foi apresentado na 30ª Conferência do GELNE (Grupo de Estudos Linguísticos e Literários do Nordeste), realizado em Feira de Santana, na Universidade Estadual de Feira de Santana, em dezembro de 2024. Agradecemos ao público pelas perguntas e sugestões. Além disso, estendemos nossa gratidão aos revisores anônimos por suas contribuições, perguntas e comentários sobre este texto.

**Abstract:** The main goal of this paper is to present new elements for the periodisation of Brazilian Portuguese (BP). Under the field of Diachronic Syntax, from a generative perspective, we analyse verb order in morphologically annotated texts, which are part of the Tycho Brahe-Brasil Corpus, in order to offer new insights into the periodisation of Portuguese in Brazil. The texts cover a wide period, from the 17th century to the 21st century, and were written by individuals born in Brazil. We present evidence that written Portuguese in Brazil exhibits three major periods: Period I, whose grammar reflects properties of Classical Portuguese, referred to as “the language of the caravels” by Galves (2007); Period II, during which lexical verbs and auxiliaries lose movement, ceasing to move to the left periphery of the sentence but rising to a Tense position; and Period III, in which there is additional loss of movement in relation to lexical verbs but not to auxiliaries. These results appear to validate the hypothesis advocated by Ribeiro (1998) and Galves (2007) that the origins of BP precede the 19th century and help to reconsider the periodisation of the Portuguese language in Brazil.

**Key-words:** Brazilian Portuguese periodization. Verb order. Verb movement.

## Introdução

Quando comparado ao português europeu (PE), o português brasileiro (PB) apresenta diferenças consideráveis que fazem alguns autores tratarem essas línguas como diferentes (Kato, 2012). Mas em que momento da história o PB teria começado a se diferenciar do PE? Se voltarmos nosso olhar sobre a periodização da língua portuguesa no Brasil, várias propostas têm se sucedido.

Um dos primeiros pesquisadores a avaliar a complexidade do caso linguístico brasileiro foi Serafim da Silva Neto (1986[1950]), que traçou, a partir da história social da colônia, a história da língua portuguesa na América. O autor dividiu a história da língua portuguesa no Brasil em três fases: a primeira do início da colonização (1532) até a expulsão dos holandeses (1654); a segunda, inicia-se em 1654 e vai até 1808 com a chegada do Príncipe Regente e da Corte portuguesa ao Brasil; e a terceira fase, a partir de 1808, é marcada pela chegada da Corte portuguesa ao Rio de Janeiro que transformou profundamente a vida na colônia.

Outra proposta de periodização é de Marlos de Barros Pessoa (2003). O grande diferencial dessa proposta em relação à anterior é a tentativa de unir marcos sócio-históricos com estágios de desenvolvimento linguístico. Segundo Pessoa (2003), entre 1534 e 1750

imperam o multilinguismo e a formação de variedades linguísticas rurais. A essa fase, segue-se um estágio de koineização de diferentes variedades ou pré-koineização da língua comum (1750-1808), um período de formação de variedades urbanas (1808-1850) e um subperíodo de estabilização das variedades urbanas e da língua comum (1850-1922), que, englobados, correspondem à segunda fase de gestação do PB. Posteriormente, na terceira fase de desenvolvimento do PB, a partir de 1922, há um período de elaboração da língua literária.

Lobo (2003) também propõe uma periodização para a história linguística no Brasil. Sua proposta fundamenta-se na história demográfico-linguística brasileira, no crescimento populacional associado ao processo de urbanização do país e no processo de escolarização associado ao processo de estandardização linguística. Os critérios escolhidos são, portanto, de natureza sociolinguística. Para Lobo (2003), a periodização para a história linguística no Brasil divide-se em duas grandes fases: a primeira, na qual prevalece o multilinguismo generalizado, cuja característica é a não urbanização, a não escolarização e a não estandardização linguística; e a segunda fase, na qual prevalece o multilinguismo localizado, cuja característica é a escolarização, a urbanização e a estandardização linguística.

Pautando-se em critérios linguísticos, sem, no entanto, separar a evolução linguística e a sócio-história dos falantes, Volker Noll (2008) critica as propostas anteriormente apresentadas, que se limitam quase exclusivamente a fatos históricos, e define sua proposta da seguinte maneira: de 1500 a 1550, fase inicial, em que a língua portuguesa é trasladada para o Brasil; de 1550 a 1700, primeira fase formativa, em que é possível ver a formação das primeiras características da língua portuguesa no Brasil; de 1700 a 1800, fase diferenciadora, na qual a formação do PB se consolida e a diferenciação das variedades europeia e brasileira começa a aparecer; de 1800 a 1950, fase de desenvolvimento da escrita e do ensino assinalada pela introdução da imprensa, pela implantação do ensino público oficial e a criação do ensino superior e pela diferenciação progressiva da norma europeia; e, de 1950 em diante, fase de nivelação, marcada pela evolução dos meios de comunicação, pela introdução da televisão e a urbanização progressiva.

Por fim, Dante Lucchesi (2017) propõe uma periodização para o PB partindo da história sociolinguística do Brasil. Fundamenta-se na história linguística e social do Brasil e considera um conjunto mais amplo de línguas presentes na formação da sociedade brasileira. A grande inovação desta proposta é o recuo temporal para antes da chegada dos portugueses ao Brasil.

Desse modo, para Lucchesi (2017), a primeira fase da história sociolinguística do Brasil, denominada de Tupinização da Costa, inicia-se após o ano mil, com a expansão tupi pelo litoral, e encerra-se no ano de 1532, com o efetivo início da colonização do Brasil pelos portugueses. A segunda fase, o Multilinguismo generalizado, estende-se de 1532 a 1695 e é caracterizada pela baixa densidade demográfica e pelo plurilinguismo. A terceira fase, a Homogeneização Linguística, inicia-se em 1695, com a descoberta do ouro em Minas Gerais, e estende-se até a Revolução de 1930, subdivindo-se em três momentos: (1) de 1695-1808, marcada pelo primeiro surto de urbanização do Brasil com o ciclo do ouro e avanço da pecuária; (2) de 1808-1850, em que se intensifica o processo de urbanização com a chegada da Corte portuguesa ao Brasil e a Independência política; (3) de 1850-1930, cujas marcas são o fim do tráfico negreiro, a imigração maciça de europeus e asiáticos, e o aprofundamento da normatização purista e lusitanizante. A quarta fase, chamada de Nivelamento linguístico, de 1930 aos dias atuais, assinala-se pela crescente industrialização e urbanização do país, pela difusão da norma urbana culta, apagando as marcas do contato na norma popular. Essas diferentes propostas para a periodização do PB estão organizadas abaixo.

<b>Propostas de periodização para o português brasileiro</b>				
Serafim da Silva Neto (1986)				
1ª fase 1532-1654	2ª fase 1654-1808	3ª fase 1808-dias atuais		
Marlos de Barros Pessoa (2003)				
1ª fase 1534-1750	2ª fase 1750-1922	3ª fase 1922-dias atuais		
Tânia Lobo (2003)				
1ª fase 1500-1850		2ª fase 1850-dias atuais		
Volker Noll (2008)				
1ª fase 1500-1550	2ª fase 1550-1700	3ª fase 1700-1800	4ª fase 1800-1950	5ª fase 1950-dias atuais
Dante Lucchesi (2017)				
1ª fase 1000-1532	2ª fase 1532-1695	3ª fase 1695-1930	4ª fase 1930-dias atuais	

Apesar de as diversas propostas elencadas considerarem aspectos da história externa e/ou interna da língua e tentarem explicar as diferenças entre o PB e PE, nenhuma considera aspectos sintáticos, marcadamente onde o PB e o PE se diferem mais fortemente. Outro aspecto a se notar é que nenhuma proposta aponta para o momento em que o PB emergiu.

Por outro lado, estudos como os de Tarallo (1993), Ribeiro (1998), Galves (2007) e Corôa (2022), apesar de não proporem uma periodização, buscam responder em que momento o PB emerge. Esses trabalhos examinaram aspectos sintáticos definidores da gramática do PB, como a reorganização do sistema pronominal – que leva à perda dos clíticos e à reorganização do sistema de possessivos –, a mudança da ordem VS em sentenças declarativas e interrogativas, o enfraquecimento do sistema de concordância e a perda do sujeito nulo.

Tarallo (1993) observou três processos de mudança no PB em comparação ao PE: (i) a perda da referência pronominal, (ii) alterações nas estratégias de pronominalização e (iii) a reorganização dos padrões sentenciais básicos. Com relação a (i), no PB, houve perda da referência pronominal, por isso o sistema dos pronomes plenos e dos pronomes clíticos se reorganizou. Como consequência de (i), o PB muda também as estratégias de relativização, com as relativas *piedpiping* – superficialmente idêntica às relativas encontradas na norma padrão –, as relativas com pronome lembrete – cuja posição da lacuna é preenchida por uma forma pronominal correferente – e a relativa cortadora – quando tanto a preposição governante quanto o sintagma relativizado estão ausentes. O terceiro processo de mudança (iii) também está ligado ao primeiro e ao segundo. Segundo Tarallo (1993), o PB sofreu uma grande reversão em suas estratégias de pronominalização, resultando, entre outras coisas, no enrijecimento do padrão canônico de ordem de palavras em direção a SVO. Todas as mudanças sinalizadas estão situadas, segundo Tarallo (1993), no final do século 19.

Já Ribeiro (1998), Galves (2007) e Corôa (2022) propõem uma retroação temporal, considerando aspectos da gramática dos primeiros portugueses que desembarcaram no Brasil. Ribeiro (1998) defende que possivelmente houve uma mudança no PB na virada do século 18 para o 19, mas que muitos dos fatos analisados como resultantes de uma mudança do PB no século 19 se originaram no século 16. Por isso, propõe que o português do Brasil seja constituído de, pelo menos, duas gramáticas diferentes, a dos séculos 16-18 e a dos séculos 19-20. Os fenômenos analisados por Ribeiro (1998) para embasar

sua proposta estão ligados à colocação pronominal. Galves (2007) retoma o questionamento de Ribeiro (1998) e, a partir de um estudo sistemático da colocação de clíticos na história do português, defende que o PB teria evoluído a partir da gramática do português médio – fase grammatical intermediária entre o português arcaico e o português moderno.

Adicionalmente, Corôa (2022) analisou o efeito V2 e suas propriedades correlatas: colocação de clíticos pronominais, sujeito e objeto nulos em dados dos séculos 17 e 18. Os resultados encontrados indicaram uma gramática bastante próxima da gramática do português clássico entre os brasileiros nascidos no século XVII, com mudanças significativas, como a perda do efeito V2, a generalização da próclise e a ocorrência de objetos nulos tal como acontece no PB: com leitura referencial em dados do século 18, o que sugere que a gramática do PB emerge no século 18.

Ainda, Cardoso, Andrade e Carneiro (2023), com base em dados de colocação de clíticos, apresentam a hipótese de que, entre o português clássico e a constituição do português brasileiro moderno em sua vertente prestigiada, houve uma variedade linguística adquirida pelos brancos nascidos no Brasil, chamada pelos autores de português colonial brasileiro que, embora semelhante com o português clássico, possui distanciamentos face a este de modo que não constituem marcas evidentes de uma gramática vernacular brasileira.

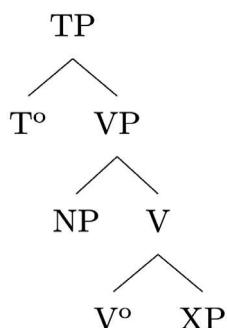
Seguindo esses trabalhos, este artigo busca responder a seguinte questão: em que momento a vertente brasileira do português emergiu? A partir de evidências intralingüísticas em nível sintático, propõe-se uma periodização para o PB. O fenômeno escolhido para análise é a ordem do verbo ao longo da história a partir de um conjunto de dados dos séculos 17 ao 21. Segundo Galves (2018), o estudo sobre a evolução da posição do verbo ao longo do tempo tanto no PB quanto no PE é importante, pois pode nos ajudar a entender a dinâmica da mudança nesses dois sistemas, ao lado da perda do efeito V2. Assim, o ordenamento verbal em relação ao objeto, propriedade de uma gramática V2, também é considerado, apesar de o foco principal do trabalho ter sido observar o posicionamento do verbo em relação a advérbios fixos.

A hipótese defendida alinha-se às hipóteses de Ribeiro (1998), Galves (2007) e Corôa (2022), defendendo a virada do século 17 para 18 como momento em que a gramática brasileira emerge.

## 1 Ordem de palavras: o verbo

Dentro do quadro da Gramática Gerativa, universalmente, nas línguas naturais, o verbo lexical concatena-se com seus argumentos para formar o sintagma verbal (VP, *Verbal Phrase*), como representado em (1). A despeito dessa configuração universal, a ordem do verbo em relação a certos elementos fixos na sentença é variável. Considerando os exemplos em (2), é possível observar que o verbo nas línguas românicas e germânicas se comportam de maneira diferente. O verbo *sleep* ('dormir') aparece à direita do advérbio *often* ('frequentemente') em inglês; em francês, entretanto, se o verbo segue o advérbio *souvent* ('frequentemente'), a sentença é agramatical, mas quando o precede, a sentença é gramatical.

(1)



(2) a. Inglês

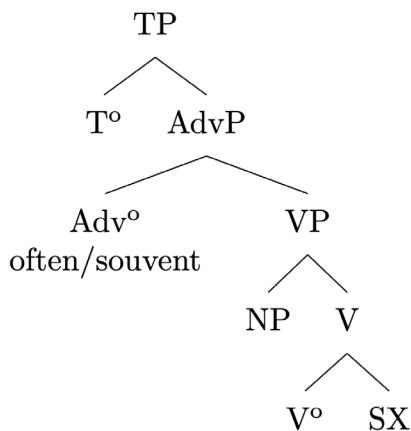
John	(*sleeps)	often	sleeps early.
J.	dorme	frequentemente	dorme cedo

b. Francês

Jean	dort	souvent	(*dort) tôt.
J.	dorme	frequentemente	dorme cedo

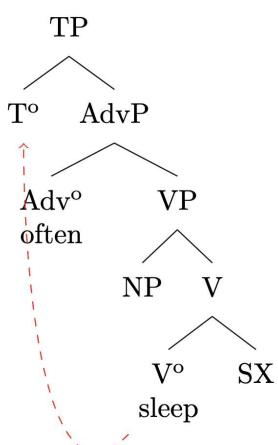
A diferença atestada acima, em que o verbo precede o advérbio em francês, mas o segue em inglês, apesar de o verbo nas as línguas ter a mesma estrutura, foi implementada na literatura gerativa como sendo resultado da presença/ausência de uma regra de movimento verbal. Alguns autores sugeriram que elementos como os advérbios e a negação eram fixos na sentença (cf. Edmonds, 1978; Pollock, 1989; Cinque, 1999; Belletti, 1990): como argumentado por Pollock (1989), advérbios do tipo *often/souvent* seriam adjuntos de VP, isto é, concatenar-se-iam universalmente acima de VP, como ilustrado em (3).

(3)

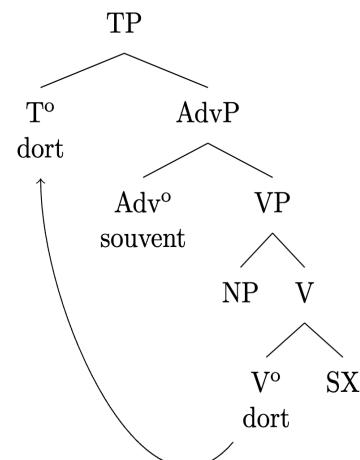


Portanto, o fato de o verbo finito lexical inglês obrigatoriamente seguir o advérbio *often*, diferentemente da contraparte francesa *souvent* em que o verbo o precede, revelaria que nas línguas germânicas o verbo não deixa o VP *via* movimento sintático. Isso seria diferente nas línguas românicas, cujo movimento sintático do verbo seria aplicado. Assim, a ordem ADV\_V (*often sleeps*) no inglês seria explicada pela ausência de movimento à flexão (sinalizada pela linha pontilhada em (4a)), enquanto a ordem francesa V\_ADV, pela presença de movimento, como ilustrado em (4b), a seguir.

(4) a. Inglês



b. Francês



Adotando essa proposta de que certos elementos na estrutura da sentença são fixos, Cinque (1999) argumenta haver cerca de 40 advérbios fixos e ordenados acima do sintagma verbal que semanticamente lexicalizam o especificador de diferentes projeções

funcionais. Dentro dessa literatura especializada, a Cartografia Sintática, justamente por mapear advérbios na estrutura, a hipótese é a de que o diferente ordenamento do verbo em relação a advérbios entre as línguas seria resultado de uma variação translingüística envolvendo o local para onde o verbo se move.

- (5) A hierarquia universal das projeções funcionais de TP – versão do português brasileiro (Adaptado de Cinque, 1999, p. 106; Ledgeway & Lombardi, 2005, p. 81; Cinque, 2006)

ALTOS: [frankly Mood<sub>SpeechAct</sub> > [luckily Mood<sub>Evaluative</sub> > [allegedly Mood<sub>Evidential</sub> > [probably Mod<sub>Epistemic</sub> > [once T<sub>Past</sub> > [then T<sub>Future</sub> > [perhaps Mood<sub>Irrealis</sub> > [necessarily ModNecessity > [possibly Mod<sub>Possibility</sub> > [usually Asp<sub>Habitual</sub> > [finally Asp<sub>Delayed</sub> > [tendentially Asp<sub>Predispositional</sub> > [again Asp<sub>Repetitive(I)</sub> > [often Asp<sub>Frequentative(I)</sub> > [willingly Mod<sub>Volition</sub> > [quickly Asp<sub>Celerative(I)</sub> >

BAIXOS: [already T<sub>Anterior</sub> > [no longer Asp<sub>Terminative</sub> > [still Asp<sub>Continuative</sub> > [always Asp<sub>Perfect</sub> > [just Asp<sub>Retrospective</sub> > [soon Asp<sub>Proximative</sub> > [briefly Asp<sub>Durative</sub> > [(?) Asp<sub>Generic/Progressive</sub> > [almost Asp<sub>Prospective</sub> > [suddenly Asp<sub>Inceptive</sub> > [obligatorily Mod<sub>Obligation</sub> > [in vain Asp<sub>Frustrative</sub> > [(?) Asp<sub>Conative</sub> > [completely Asp<sub>SgCompleutive(I)</sub> > [everything Asp<sub>PlCompleutive</sub> > [well Voice > [early Asp<sub>Celerative(II)</sub> > [? Asp<sub>Inceptive(II)</sub> > [again Asp<sub>Repetitive(II)</sub> > [often Asp<sub>Frequentative(II)</sub> > ... vP

Assim, de modo a precisar o local de pouso do verbo e compará-lo entre as línguas, a hierarquia dos advérbios foi metodologicamente dividida em duas áreas (cf. Ledgeway & Lombardi, 2005, p. 81): advérbios em uma posição mais alta, lexicalizando projeções funcionais entre Asp<sub>Celerative(I)</sub> e Mood<sub>SpeechAct</sub>, advérbios em uma posição mais baixa, mais próxima do local onde o verbo é concatenado, lexicalizando projeções entre T<sub>Anterior</sub> e Asp<sub>Frequentative(II)</sub>.

Apesar de o empreendimento da Cartografia ter sugerido uma profusão de projeções funcionais para a arquitetura da gramática, tal empreendimento parece essencial para um melhor diagnóstico sobre movimento do verbo. Como discutido anteriormente, após Pollock (1989) e antes do surgimento do modelo cartográfico, era assumido que o verbo lexical finito no inglês não se movia de dentro de VP, considerando seu ordenamento em

relação a advérbios do tipo *often* (cf. (2)). Após o modelo da Cartografia (Cinque 1999), o padrão inglês foi melhor compreendido. Ao ser adotada uma hierarquia mais articulada, tal como a proposta em (5) e (6), podemos observar que o verbo em inglês, contrariamente ao que fora proposto, se move, mas esse movimento é para uma posição baixa (cf. Tescari Neto, 2012; Roberts, 2017), passando apenas por sobre a projeção funcional de Voice, onde se lexicaliza o advérbio *well* ('bem'). Dessa forma, a hierarquia de Cinque (1999), que adotamos neste trabalho, parece funcionar melhor como um diagnóstico mais preciso do movimento do verbo.

- (6) John (\*well) sings **well**.  
J. bem canta bem

A fim de discutir questões para a periodização do português brasileiro considerando o movimento do verbo na sua diacronia, assumimos a hierarquia na sua versão portuguesa tal como sugerida por Tescari Neto (2019). A partir dela, podemos determinar a posição do verbo na história do PB, dependendo do seu ordenamento em relação aos advérbios fixos e ordenados.

- (7) A hierarquia universal das projeções funcionais de TP – versão do português brasileiro (Tescari Neto 2019: 3567)

ALTOS: [francamente Mood<sub>SpeechAct</sub> > [surpreendentemente Mood<sub>Mirative</sub> > [felizmente Mood<sub>Evaluative</sub> > [evidentemente Mood<sub>Evidential</sub> > [provavelmente Mod<sub>Epistemic</sub> > [uma vez T<sub>Past</sub> > [então T<sub>Future</sub> > [talvez Mood<sub>Irrealis</sub> > [necessariamente Mod<sub>Necessity</sub> > [possivelmente Mod<sub>Possibility</sub> > [normalmente Asp<sub>Habitual</sub> > [finalmente Asp<sub>Delayed</sub> > [tendencialmente Asp<sub>Predispositional</sub> > [novamente Asp<sub>Repetitive(I)</sub> > [frequentemente Asp<sub>Frequentative(I)</sub> > [de/com gosto Mod<sub>Volition</sub> > [rapidamente Asp<sub>Celerative(I)</sub> >  
BAIXOS: [já T<sub>Anterior</sub> > [não...mais Asp<sub>Terminative</sub> > [ainda Asp<sub>Continuative</sub> > [sempre Asp<sub>Perfect</sub> > [apenas Asp<sub>Retrospective</sub> > [(dentro) embreve Asp<sub>Proximative</sub> > [brevemente Asp<sub>Durative</sub> > [(?) Asp<sub>Generic/Progressive</sub> > [quase Asp<sub>Prospective</sub> > [repentinamente Asp<sub>Inceptive</sub> > [obrigatoriamente Mod<sub>Obligation</sub> > [à toa Asp<sub>Frustrative</sub> > [(?) Asp<sub>Conative</sub> > [completamente Asp<sub>SgCompleutive(I)</sub> > [tudo Asp<sub>PlCompleutive</sub> > [bem Voice > [cedo Asp<sub>Celerative(II)</sub> > [do nada Asp<sub>Inceptive(II)</sub> > [de novo Asp<sub>Repetitive(II)</sub> > [frequentemente Asp<sub>Frequentative(II)</sub> > ...

Por hipótese, a hierarquia acima fornece um diagnóstico preciso sobre a posição para onde o verbo se move. Apesar de estar dividida em advérbios altos e baixos, parece que em PB apenas os advérbios baixos devem ser tomados como bons diagnósticos para subida do verbo. Tescari Neto (2019, p. 3573) nota que advérbios altos, como *provavelmente*, em  $\text{Spec}, \text{Mod}_{\text{Epistemic}}$ , não podem seguir o verbo, quando estão em posição final (cf. (8a)), apesar de o poderem na presença de um NP objeto, como em (8b). Adicionalmente, assumindo que elipse de VP é licenciada por movimento do verbo (Matos & Cyrino, 2001), Tescari Neto (2019) também mostra que um advérbio alto não é recuperável na elipse de VP, o que aponta para a hipótese de que (8b) não deve ser gerado por movimento do verbo por sobre *provavelmente*, corroborando a afirmação de que “advérbios altos não podem ser utilizados, em PB, como diagnósticos para o movimento do V” (Tescari Neto, 2019, p. 3574).

- (8) a. \***João** mente **provavelmente**.

b. João comia **provavelmente** arroz.

- (9) O José comia **provavelmente** arroz e a Maria também comia [-]

a. [-]: **comia** arroz

b. [-]: \***provavelmente** arroz

Para refinarmos o diagnóstico de movimento do verbo ao longo do tempo, é preciso discutir casos em que um determinado posicionamento não é evidência necessária de ausência/presença de movimento do verbo. Como se vê em (10), em PB, *ainda* pode tanto preceder quanto seguir o verbo finito. A precedência do verbo por *ainda* pode ser explicado por deslocamento à periferia esquerda<sup>2</sup> (como sugerido por Andriani, 2016, p. 240 para o ancora em um dialeto italiano), como se vê em (10a), não como uma ausência de movimento do verbo. Diferentemente, em relação a esse advérbio, devemos tomar como evidência de movimento verbal apenas o ordenamento em que o verbo precede *ainda*, como em (10b).

<sup>2</sup> Esse deslocamento à periferia esquerda é corroborado pela precedência do advérbio a um sujeito quantificador na posição baixa de Foc, como *ninguém*.

(i) No começo, ainda *ninguém* tinha tentado elaborar uma versão falada para essa questão dos novos pronomes (<https://www.extraclasse.org.br/geral/2021/10/a-gramatica-da-inclusao/>)

(ii) Ainda *ninguém* está passando mal por enquanto, mas fizeram isso na maldade, só pode ser e quero que alguém se pronuncie a respeito ([https://www.reclameaqui.com.br/burger-king/que-bebida-e-essa\\_EpeVUi6bxaZ4qCR/](https://www.reclameaqui.com.br/burger-king/que-bebida-e-essa_EpeVUi6bxaZ4qCR/))

- (10) a. O Luciano **ainda** está se recuperando da cirurgia complexa que fez recentemente (cf. também “O Luciano está **ainda** se recuperando da cirurgia complexa que fez recentemente”<sup>3</sup>)  
b. O relator está **ainda** fazendo novos ajustes no texto, mas promete não mexer em questões polêmicas do projeto, como a venda de bebidas alcoólicas nos estádios<sup>4</sup>.

No caso do advérbio *sempre*, há certas complicações porque esse advérbio apresenta diferentes leituras (Tescari Neto, 2013; Araújo-Adriano, 2018), uma assertiva (11a), uma temporal/aspectual (11b-c) e outra de padrão de comportamento (11d). Cada leitura é ativada a depender da projeção funcional em que *sempre* é concatenado: em Mood<sub>SpeechAct'</sub>, Asp<sub>Perfect</sub> ou Asp<sub>Frequentative(II)'</sub>, respectivamente. Para o presente trabalho, controlamos o posicionamento do verbo em relação a *sempre* na leitura temporal/aspectual, semanticamente associado a Asp<sub>Perfect</sub>.

- (11) a. **Sempre** quero ver se tens coragem para isso! (Lopes, 1998, p. 7)  
b. Dane-se, eu vou **sempre** estar lá. Ninguém me deu esse lugar. Eu conquistei.  
c. **Sempre** dei o melhor de mim, **sempre** te tratei muito bem.  
d. Você vem **sempre** aqui?

O advérbio *bem* só pode aparecer pós-verbalmente, como em (12a). A precedência de *bem* ao verbo dispara uma leitura específica de foco (12b). Nesse sentido, como coloca Tescari Neto e Forero Pataquiva (2020, p. 495, NR 4), a posição pré-verbal de *bem* envolveria, depois do movimento – obrigatório – do verbo por sobre *bem*, movimento desse advérbio para Spec,Foc, e alcance do sujeito para Spec,Top.

- (12) a. A Maria (\*bem) fala **bem** inglês.  
b. O João **bem** sabe o que deve fazer (não sabe mal!) (Tescari Neto e Forero Pataquiva (2020: 495, NR 4)

<sup>3</sup> <https://oglobo.globo.com/cultura/noticia/2022/06/luciano-szafir-e-internado-com-obstrucao-intestinal-apos-retirada-de-bolsa-de-colostomia.ghml>

<sup>4</sup> [http://www.espn.com.br/noticia/232257\\_relator-volta-a-alterar-texto-da-lei-geral-da-copa-para-incluir-idosos-na-cota-social](http://www.espn.com.br/noticia/232257_relator-volta-a-alterar-texto-da-lei-geral-da-copa-para-incluir-idosos-na-cota-social)

Para o presente trabalho, observamos o posicionamento do verbo em relação a alguns advérbios baixo, quais sejam: *já, ainda, sempre, quase e bem*, que lexicalizam, respectivamente, as projeções de  $T_{\text{Anterior}}$ ,  $\text{Asp}_{\text{Continuative}}$ ,  $\text{Asp}_{\text{Perfect}}$ ,  $\text{Asp}_{\text{Prospective}}$  e  $\text{Voice}$ .

Outro refinamento necessário sobre o diagnóstico de movimento do verbo deve levar em consideração evidências como posição do sujeito e fronteamento de objetos. Isso dito, consideramos o fronteamento de objetos, pois o português em fases pretéritas apresentava uma gramática do tipo V2 flexível, como relatado na literatura (Ribeiro, 1995; Torres Morais, 1995; Paixão de Sousa, 2004; Gibrail, 2010; Antonelli, 2011; Galves e Paixão de Sousa, 2017; Galves e Gibrail, 2018; Galves, 2020). Desse modo, apenas o movimento do advérbio não nos ajudaria a caracterizar bem o que acontece nesses sistemas.

As línguas V2 têm duas propriedades principais: movimento do verbo para o núcleo de C e o movimento de apenas um sintagma para a posição de Spec,CP (Haegeman, 1996; Holmberg, 2015). Enquanto Vikner (1995) foi o primeiro a mostrar que, em sistemas V2, o verbo se move para a camada CP, periferia esquerda da sentença, Rizzi (1997) trouxe várias evidências de que o CP contém estruturas internas adicionais, ou seja, o CP inclui uma série de projeções funcionais distintas (13):

- (13) ForceP > TopP \* > FocP > TopP \* > FinP

TopP hospeda tópicos, normalmente informação velha e de alguma forma disponíveis e salientes discursivamente. Essa posição aparece duas vezes, embora possa ocorrer um número indefinido de vezes. FocP abriga focos, expressando informações novas e em algumas línguas restringe-se ao foco contrastivo. FinP é uma projeção que reflete finitude, pelo fato de muitas línguas terem diferenças entre complementadores finitos e não finitos (Rizzi, 1997).

Considerando a hipótese do CP cindido e as hierarquias propostas por Rizzi (1997), alguns pesquisadores (Roberts, 2004; Holmberg, 2015) defendem que o efeito V2 estaria ligado ao traço de [+/-FINITUDE], pois, nessas línguas, FinP hospeda a sonda-φ e o traço de borda responsáveis por V2.

Com base em Benincà (1995), Wolfe (2018, 2019) expande essa proposta. Para ele, todos os sistemas V2 têm um movimento do verbo para Fin, porém, em uma subclasse das línguas V2, a projeção Force tem as mesmas propriedades de Fin. Antes de Wolfe, porém, Pinto (2011) já tinha proposto uma articulação entre Força e Finitude para explicar a variação no efeito V2<sup>5</sup>.

<sup>5</sup> A estrutura proposta por Pinto (2011) difere da de Wolfe (2015) com relação à localização do núcleo

Para Wolfe (2018, 2019), as línguas V2 estariam divididas entre aquelas cujo local de pouso do verbo é ForceP e as outras cujo local de pouso é Fin. Assim, teríamos uma tipologia das línguas V2 de acordo com os locais de pouso:

- (14) a. V-para-Fin (línguas com V2 menos estrito/mais flexível)  
b. V-para-Force (línguas com V2 estrito) (Wolfe, 2018)

A intuição por trás dessa proposta é que “o núcleo com os traços responsáveis pelo fenômeno V2 encontra-se mais baixo na estrutura funcional e, portanto, permite a lexicalização de uma matriz de projeções funcionais estruturalmente mais altas que o verbo movido” (Wolfe, 2016, p. 14). Assim, as ordens V>2 são possíveis se os elementos mais à esquerda forem gerados *in-situ*. Nos sistemas FinV2, como nada *a priori* exclui um conjunto sucessivo dessas projeções que hospedam constituintes simultaneamente, o resultado dessas operações seria um sistema V2 “flexível” cujas ordens V1 e V>2 podem ocorrer além do verbo na segunda posição.

As línguas ForceV2 teriam um traço de borda que exige o movimento do verbo de Fin para Force e o movimento de um XP já fronteado para o Spec-ForceP. Nessas línguas ForceV2, as ordens V>2 são possíveis, porém são menos comuns. Isso se deve à área mais acima de Force estar associada a traços semântico-pragmáticos que codificam a atitude do falante.

Como o movimento do verbo é apenas metade do efeito V2 e outra metade é o fronteamento de um constituinte independentemente de sua categoria ou função sintática para a posição pré-verbal, iremos considerar a especificidade do fronteamento de objetos (Lightfoot, 1995; Holmberg, 2015) que é uma evidência em favor de V2, uma vez que esse tipo de construção apresenta uma configuração estrutural bastante específica OVS, ao mesmo tempo em que funciona como um bom diagnóstico de movimento do verbo.

Na próxima seção, apresentamos a metodologia utilizada para conduzir a presente pesquisa.

## 2 Metodologia (coleta dos dados, buscas e *corpus*)

Os dados desta pesquisa foram extraídos de 11 textos de teatro e 1 cantiga – anotados morfologicamente – e de 346 Cartas e 1330 Atas da Câmara Municipal de Salvador – anotados morfológica e sintaticamente, oriundos do *Corpus Tycho Brahe-Brasil* (cf. Araújo-Adriano; Corôa, 2022).

---

Frame.

Quadro 1 – Informações dos textos que compuseram o *corpus* de análise

Nascimento	Autor	Código Tycho Brahe	Publicação do texto <sup>6</sup>	Tipo Textual
1602	Rui de Carvalho Pinheiro	va_013	1650-1684	Carta
1630	Domingos Garcia de Aragão	va_014	1653	Carta
1650	Pedro Dias Pereira	va_017	1699-1710	Carta
1670	João de Couros Carneiro Filho	va_016	1699-1710	Carta
1670	Manuel Silveira de Magalhães	va_018	1710-1730	Carta
1672	Manuel Pessoa de Vasconcelos	va_017	1699-1710	Carta
1672	Manuel Pessoa de Vasconcelos	va_018	1710-1730	Carta
1700	João de Couros Carneiro Neto	va_018	1728-1730	Carta
1705	Antônio José da Silva	s_007	1737	Comédia
1710	Jerônimo Sodré Pereira	va_019	1751-1765	Ata
1720	Joaquim Rodrigues da Silveira	va_019	1751-1765	Ata
1720	Manuel José de Azevedo	va_020	1765-1775	Ata
1721	José Álvaro Pereira Sodré	va_020	1765-1775	Ata
1725	João Duarte Silva	va_020	1765-1775	Ata
1740	Domingos Caldas Barbosa	b_011	1798	Cantiga
1815	Martins Pena	p_003	1833	Comédia
1815	Martins Pena	p_004	1845	Comédia
1829	José de Alencar	a_008	1857	Comédia
1838	França Junior	j_001	1883	Comédia
1855	Artur de Azevedo	a_009	1891	Comédia
1880	Gastão Tojeiro	t_001	1920	Comédia
1934	Gianfrancisco Guarnieri	g_011	1957	Comédia
1956	Miguel Falabella	f_003	1990	Comédia
1978	Paulo Gustavo	g_012	2006	Comédia
1966	Paulo Sacaldassy	s_006	2007	Comédia

As atas e cartas da Câmara Municipal de Salvador (308.649 palavras) foram escritas por 18 escrivães, ao longo do século 17 e da primeira metade do século 18. Já as peças de teatro foram publicadas entre o século 18 e o século 21 e a cantiga no século 18 (233.183 palavras).

<sup>6</sup> Apesar de usarmos o título publicação dos textos, no caso das atas e cartas da Câmara Municipal de Salvador, consideramos o período de produção dos documentos.

O total de palavras analisadas, portanto, foi de 541.832. Esses textos estão todos disponíveis e com acesso livre no site do *Corpus* (<https://www.tycho.iel.unicamp.br/corpus/catalogo.html>). A seguir apresentamos o Quadro 2, com as informações por século, considerando a distribuição dos tipos textuais.

Quadro 2 – Distribuição do *corpus* por século e tipo textual

Século	Tipo textual	Quantidade de palavras
17	Cartas	90.676
18	Cartas	108.607
18	Atas	109.366
18	Comédia teatral	27.224
18	Cantiga	18.445
19	Comédia teatral	86.842
20	Comédia teatral	67.597
21	Comédia teatral	41.623

Como adiantado na introdução, o fenômeno escolhido para a presente análise é a ordem do verbo e o fronteamento de objetos entre os séculos 17 e 21. Considerando que o posicionamento do verbo em relação a advérbios é um diagnóstico fidedigno para movimento do verbo (cf. seção 1), foram computadas ocorrências de sentenças em que o verbo lexical e o verbo auxiliar precediam ou seguiam, imediatamente ou não, certos advérbios diagnósticos para o movimento do verbo, mais especificamente os advérbios baixos *já*, *ainda*, *sempre*, *quase* e *bem*. Isso porque expressões adverbiais como *hoje em dia*, *todos os dias*, *nunca*, não fornecem evidências muito claras de onde se posicionam na hierarquia aqui assumida e, consequentemente, não fornecem evidências claras no que diz respeito ao movimento do verbo na história do português.

Assim, baseado na ordem, a precedência de um verbo em relação ao advérbio, por exemplo, *quase*, em Spec-Asp<sub>Prospectivo</sub>, equivaleria dizer que, da sua posição de base, isto é, dentro de vP, o verbo se moveu (pelo menos) para a seguinte projeção funcional (*por exemplo*, Asp<sub>Genérico/Progressivo</sub>), de modo a gerar a ordem V \_ *quase*. Contrariamente, se o verbo é encontrado à direita do advérbio, gerando o ordenamento *quase\_V*, por hipótese, somos levados a evidenciar uma instância mais baixa do movimento do verbo.

Em relação às buscas no *corpus*, para os casos de precedência do verbo em relação ao advérbio, template V\_ADV, buscamos pela etiqueta VB-X, em que VB equivale a verbo lexical e X uma flexão qualquer, como D e P – etiqueta para pretérito perfeito e presente, respectivamente (e.g., *comeu* = VB-D; *come* = VB-P). Para o template em questão, esse

verbo precede – não necessariamente uma precedência imediata, daí a etiqueta Precedes – um ADV específico – daí a etiqueta iDoms –, por *bem*, por exemplo.

- (15) a. Algoritmo de busca fornecido para encontrar V\_ADV  
((VB-D|VB-I|VB-P|VB-R|VB-RA|VB-SD|VB-SP|VB-SR|VB-F|  
Precedes ADV|ADV-\*)  
AND (ADV|ADV-\* iDoms bem|já|ainda|sempre|quase))
- b. Algoritmo de busca fornecido para encontrar ADV\_V  
((ADV|ADV-\* Precedes VB-D|VB-I|VB-P|VB-R|VB-RA|VB-SD| VB-  
SP|VB-SR|VB-F)  
AND (ADV|ADV-\* iDoms bem|já|ainda|sempre|quase))

Para os verbos auxiliares, buscamos pelas etiquetas ET-X|SR-X|HV-X|TR-X, em que ET equivale ao verbo *estar*, SR, ao verbo *ser*, HV, ao verbo *haver* e TR equivale ao verbo *ter* e X uma flexão qualquer, como P e D (*e.g.*, *está* = ET-P; *tinha* = TR-D). Para o template ADV\_AUX, um ADV precede – não necessariamente uma precedência imediata, daí a etiqueta Precedes – um verbo auxiliar. A busca pelas referidas etiquetas retorna quaisquer usos dos verbos *estar*, *ser*, *haver* e *ter*, não necessariamente auxiliares; como em *João tinha muito dinheiro*, em que *tinha* é encontrado pela busca TR-D, por exemplo. Foi necessário, portanto, fazer uma filtragem manual para haver apenas casos desses verbos no seu uso auxiliar, evidenciado quando precedem um verbo não finito (gerúndio, particípio e infinitivo<sup>7</sup>).

- (16) a. Algoritmo de busca fornecido para encontrar ADV\_V  
((ET-D|ET-I|ET-P|ET-R|ET-RA|ET-SD|ET-SP|ET-SR|ET-F|SR-  
D|SR-I|SR-P|SR-R|SR-RA|SR-SD|SR-SP|SR-SR|SR-F|HV-D|HV-  
I|HV-P|HV-R|HV-RA|HV-SD|HV-SP|HV-SR|HV-F|TR-D|TR-I|TR-  
P|TR-R|TR-RA|TR-SD|TR-SP|TR-SR|TR-F Precedes ADV|ADV-\*)  
AND (ADV|ADV-\* iDoms bem|já|ainda|sempre|quase))
- b. Algoritmo de busca fornecido para encontrar ADV\_V  
((ADV|ADV-\* Precedes ET-D|ET-I|ET-P|ET-R|ET-RA|ET-SD|ET-  
SP|ET-SR|ET-F|SR-D|SR-I|SR-P|SR-R|SR-RA|SR-SD|SR-SP|SR-  
SR|SR-F|HV-D|HV-I|HV-P|HV-R|HV-RA|HV-SD|HV-SP|HV-  
SR|HV-F|TR-D|TR-I|TR-P|TR-R|TR-RA|TR-SD|TR-SP|TR-  
SR|TR-F) AND (ADV|ADV-\* iDoms bem|já|ainda|sempre|quase))

<sup>7</sup> Para critérios de auxiliaridade, cf. Luguinho (2011), Araújo-Adriano (2018).

Com os dados de verbos ET/HV/SR em mãos, foi necessário fazer uma filtragem manual dos dados, visto que a busca não retorna apenas dados de estar/haver/ser como auxiliares.

Como ressaltado na seção anterior, se assumirmos que o português apresenta uma gramática V2 flexível, devemos considerar outras evidências para além do posicionamento do verbo. A questão sobre o local de pouso do verbo, ou seja, saber se o verbo se moveu para determinada posição, pode ser medida, entre outros, a partir da posição dos advérbios e do fronteamento de objeto que, consequentemente, levam à inversão do sujeito e ao alçamento do verbo. Neste artigo, iremos considerar também o fronteamento de objeto como evidência de um sistema V2 e, consequentemente, da perda desse sistema. Na próxima seção, trazemos os resultados. Os exemplos reportados na seção de resultados trarão o código do texto na Plataforma *Tycho Brahe*.

### 3 Resultados

Nesta seção, apresentamos os resultados referentes à posição do verbo em relação àqueles advérbios que podem dar luz sobre o movimento do verbo e o fronteamento de objetos na história do PB. Em geral, encontramos poucos dados em que o advérbio modifica o verbo e também poucos casos de fronteamento de objetos. Alguns foram úteis para diagnosticar movimento do verbo, outros não. Para distinguir verbo lexical de verbo auxiliar, usamos V para aquele e AUX para este. Apresentamos os dados agrupados da seguinte forma: século 17, séculos 18 e 19 e séculos 20 e 21, seguindo a hipótese levantada.

#### 3.1 Século 17

Observando o posicionamento do verbo em relação ao advérbio *já*, pudemos notar que a maior parte dos dados com tal advérbio foi seguindo o item verbal, independente do tipo de verbo, quer lexical, quer auxiliar. No primeiro caso, 82% das ocorrências eram com V\_já (17a) e apenas 18% com já\_V (17b). No caso dos verbos auxiliares, a posição do advérbio foi um posicionamento categórico (17c). Abaixo, trazemos alguns exemplos<sup>8</sup>.

(17) Advérbio *já*

- a. e mais quando corre **já** por nossa conta o sal que Vossa Majestade nos largou pelo mesmo contrato, só se nos dá por ele uma limitada porção (va\_017).

<sup>8</sup> Por recomendação de um dos pareceristas, reduzimos o número de exemplos.

- b. O alívio que temos em ser governados por Vossa Majestade cujas honras grandes **já** gozamos (va\_013).
- c. e por isso se tem movido **já** muitas demandas e desavenças pesadas entre si porque uns dizem que por provisão real antiga se não pode fundar novo engenho senão uma légua distante do outro, (va\_016)<sup>9</sup>.

No que diz respeito ao advérbio *ainda*, também observamos preferência por apresentar uma posição posterior ao verbo. A despeito de a precedência de *ainda*, encontrado nos dados, não poder ser tomada como evidência de ausência de movimento do item verbal, considerando que *ainda* pode se mover para a periferia esquerda da sentença (cf. seção 1), o item verbal precedendo o advérbio é evidência de movimento verbal. É isso que observamos com o verbo lexical, precedendo o advérbio *ainda* em 82% das ocorrências (18a). No caso dos verbos auxiliares, a posposição do advérbio foi um posicionamento encontrado em 60% das ocorrências (18b).

#### (18) **Advérbio *ainda***

- a. e exerce **ainda** com toda a verdade e satisfação (va\_016).
- b. Esta disposição porém sem nova declaração de Vossa Majestade se foi observando **ainda** ao depois do dito ano de mil setecentos e treze (va\_017).

Observando o posicionamento do verbo em relação ao advérbio *sempre*, pudemos constatar que a maior parte dos dados com tal advérbio foi seguindo o item verbal, independente do tipo de verbo, seja lexical, seja auxiliar. No primeiro caso, 68% das ocorrências eram com V\_*sempre* (19a) e apenas 32% com *sempre\_V* (19b). No caso dos verbos auxiliares, a posposição do advérbio foi um posicionamento também preferido, com 80% dos casos (19c), contra 20% do ordenamento *sempre\_AUX* (19d). Abaixo, trazemos alguns exemplos.

#### (19) **Advérbio *sempre***

- a. **Ficaremos** sempre reconhecidos e em tudo obedientes as reais ordens de Vossa Majestade que Deus nos guarde como desejamos (va\_017).

<sup>9</sup> O fato de não só o verbo auxiliar, mas também seu complemento verbal não finito precederem o advérbio *já* é evidência de que esses dois verbos se moviam juntos para uma posição mais alta na sentença. A esse respeito, cf. Araújo-Adriano e Cyrino (2022).

- b. E **sempre** se praticou excetuando algumas vezes em que os ditos sindicantes as tomaram pelas acharem por tomar, (va\_016).
- c. E sendo todas estas tomadas na forma acima foram **sempre** aprovadas pelos sindicantes que as examinaram (va\_013).
- d. e com este privilégio e Instituição exorbitante **sempre** se há de considerar restritamente (va\_016).<sup>10</sup>

Em relação a *quase*, observamos que foi categórico o posicionamento do advérbio anteposto ao verbo auxiliar – não encontramos dados com o advérbio e um verbo lexical. A seguir, apresentamos alguns dos poucos exemplos que encontramos.

(20) **Advérbio *quase***

- a. E assim chegaram neste ano os contratos a um nunca visto crescimento aplicando-se com tal eficácia a tudo o que toca à defesa e segurança desta praça, que a Fortaleza de Santo Antonio do Carmo que havia principiado seu antecessor está **quase** posta em sua última perfeição, (va\_16).

Já em relação ao advérbio *bem*, encontramos verbos lexicais e auxiliares tanto o precedendo quanto o seguindo. Todos os casos de precedência eram casos em que *bem* veiculava uma leitura de foco, não sendo, portanto, evidência para ausência de movimento do verbo (cf. também seção 1). Nesse tipo de sentença, o advérbio veicula uma leitura aspectual. De acordo com Martins (1994), advérbios monossilábicos, quando em posição pré-verbal, perdem sua denotação original, o que chama de “esvaziamento semântico” desses elementos.

Por outro lado, encontramos evidência do verbo lexical precedendo *bem*, o que nos leva a afirmar que havia movimento verbal por sobre esse advérbio. Apesar de não termos encontrado nenhuma ocorrência de *bem* seguindo ou precedendo verbos auxiliares, o fato de o verbo auxiliar preceder advérbios mais altos que *bem*, por exemplo, já (17), *ainda* (18), *sempre* (19) e *quase* (20), por transitividade (Cinque, 1999, p. 33), pode-se dizer que o verbo funcional também se movia por sobre *bem*.

<sup>10</sup> Tratamos o verbo *haver* em *haver de* como um auxiliar, conforme demonstra Araújo-Adriano (2019, p. 75-86).

(21) **Advérbio *bem***

- a. De que até aqui temos dito se mostra **bem** que uma das grandes obrigações em que a Vossa Majestade estamos é conservar-nos tantos anos o dito Governador (va\_017).

### 3.1.1 Evidências de um sistema V2

Em línguas V2, o fronteamento de objeto é uma opção que altera a posição em que o sujeito ocorre; isso não acontece em línguas que não são V2. Quando o objeto é deslocado para a posição pré-verbal em línguas V2, a ordem gerada é OVS (Antonelli, 2001).

Nos dados do século 17, encontramos os seguintes casos de fronteamento de objetos diretos (em itálico, sinalizamos o sintagma que exerce função de sujeito; em sublinhado, função de objeto):

- (22) a. Algumas quantias que achamos receberam os ditos tesoureiros (va\_017).
- b. Esta mercê e singular esmola que esperamos nos conceda a grandeza, e justiça de Vossa Majestade, (va\_015).
- c. e a dita quantia deram algumas pessoas obrigadas de afabilidade e bom modo de quem nos governa com amor e cristandade, que a não ser isto não permite o tempo cobrar-se coisa alguma, (va\_015).

Em nossos dados, quando há na sentença fronteamento de objeto e sujeito expresso, categoricamente, o sujeito ocorre em posição pós-verbal. Por ser uma opção marcada, a ordem OVS é bastante rara. No *corpus* analisado, há apenas 43 ocorrências dessa ordem no século 17, de um total de 1551 casos de sentenças V2, o que soma cerca de 2,7% das sentenças.

### 3.1.2 Síntese dos dados do século 17

Para concluir a apresentação dos dados do século 17, na Tabela 1, sumarizamos as ocorrências do verbo lexical e auxiliar em relação aos advérbios.

Tabela 1 – Percentual do verbo lexical e auxiliar em relação a advérbios no século 17

	já	ainda	sempre	quase	bem
adv_V	18%	18%	32%		
V_adv	82%	82%	68%		100%
adv_AUX		40%	20%		
AUX_adv	100%	60%	80%	100%	

Com base nos percentuais apresentados, podemos observar que o verbo lexical se movia por sobre *já*, *ainda*, *sempre* e *bem*. Já os verbos auxiliares se moviam por sobre *já*, *ainda*, *sempre*, *quase* e, por transitividade, *bem*.

### 3.2 Século 18 e 19

Em relação ao posicionamento de *já* nos séculos 18 e 19, observamos preferência pela sua anteposição ao verbo lexical, ocorrendo em 86% das ocorrências no primeiro século (23b). Nota-se que os 14% de V\_ *já* (23a) podem ser tratados como resquícios de uma gramática V2, presente ainda no século 18, mas ausente no século 19, considerando 100% (23c) das ocorrências com o verbo lexical seguindo *já*.

#### (23) Advérbio *já*

- a. Quase dentro da mesma cidade tem Dona Izabel Maria Guedes de Britto uma rocinha que poderá ter em todo o seu circuito quatrocentas braças de terra as quais possuia **já** medidas e demarcadas pelo Desembargador Jozé da Costa Corrêa e cercadas com um valado (va\_020).
- b. Cala-te Sancho, cala-te, que **já** lá vai: és fiel companheiro! (s\_004)
- c. Nós **já** sabemos como foi o engano, neste armário ... (p\_004)
- d. Só por eu cumprimentar o moço **já** o estava namorando. (b\_011)
- e. Não poder deferirmos por estar o negócio pendente como este esteja **já** decidido pela sentença que Vossa Mercê nos mandou (va\_019).
- f. **Já** está deitando o chapéu. (a\_008)

Diferentemente dos verbos lexicais que, no século 18 apresentavam preferência por seguir o advérbio *já*, ainda no século 18 havia certa preferência pelo verbo auxiliar preceder *já*: isso ocorreu no *corpus* em 73% dos casos (23e). É no século 19 que a precedência de *já* a verbos auxiliares também passa a ser categórica, ocorrendo em 100% dos dados no segundo século (23f).

Os dados do século 18 podem ser tomados como evidência de que, nesse período, há um processo de competição de gramáticas, com resquícios de uma gramática clássica que vai entrando em declínio e uma gramática nova que vai surgindo, visto que, no PB, os verbos finitos aparecem consistentemente à direita do advérbio *já* (Modesto, 2001) e uma sentença em que a ordem *já\_V* acontece só é possível em PB, se houver uma leitura de foco, diferente do que se verifica no português clássico.

Mais uma evidência de que há resquícios de uma gramática V2 no século 18 é a ocorrência de fronteamento de objetos na ordem *O\_V\_S* (24) (em um percentual de 0,19% das sentenças analisadas). No século 19, não encontramos dados de fronteamento de objetos.

- (24) a. E o mesmo disse Mateus Pereira dos Santos Cavalcante (va\_019).  
b. E este termo registara *o escrivão da nova contribuição voluntária* nos seus livros para por ele haverem os ditos soldados os seus pagamentos (va\_020)  
c. Amira adornada de graça e lindeza, com que *a natureza Seus dons espalhou* (S\_007).

Na pesquisa diacrônica, encontramos *ainda* seguindo o verbo lexical tanto no século 18 (25a), em 13% dos casos, quanto no século 19 (25b), em 19% dos dados, o que sugere que o verbo lexical se movia a uma posição acima da projeção funcional lexicalizada por esse advérbio. Apesar de termos encontrado posposição do verbo auxiliar e lexical em relação a *ainda*, não nos mostrando nada em relação ao movimento do verbo, tanto no século 18 (25c) quanto no 19 (25d) temos evidência de verbos auxiliares precedendo o advérbio, o que configura evidência de movimento dos auxiliares por sobre *ainda*.

#### (25) Advérbio *ainda*

- a. O requerimento sobre se mandar bater moeda provincial se não tem ainda proposto no conselho por razão de se ter ocupado com Rio e Minas, e Índia e não entrar **ainda** com as dependências da Bahia e estar reservado para se tratarem todas depois da saída da nau da Índia. (va\_019)  
b. Não observei **ainda!** (a\_008)  
c. O requerimento sobre se mandar bater moeda provincial se não tem **ainda** proposto no conselho por razão de se ter ocupado com Rio e

Minas, e Índia e não entrar ainda com as dependências da Bahia e estar reservado para se tratarem todas depois da saída da nau da Índia. (va\_019)

d. Tenho **ainda** que ir arranjar mandado de despejo contra uma viúva, minha inquilina, que há três não me paga o aluguel da casa. (a\_009)

Em relação ao advérbio *sempre*, há certa mudança no comportamento dos verbos ao longo dos séculos 18 e 19. Durante o primeiro século, os verbos lexicais não apresentavam tanta tendência de preceder o advérbio, precedendo-o em 35% (26a), sendo esse posicionamento altamente preferível no século 19 (26c), aparecendo em 82% dos dados. Já no que se refere aos verbos auxiliares, no século 18<sup>11</sup>, a posposição do advérbio ao auxiliar ocorreu em todas as aparições do advérbio *sempre* (26d), assim como no século 19 (26e).

#### (26) **Advérbio sempre**

- a. E que aos mesmos criadores se lhe dariam **sempre** que entrassem com os seus gados, para os picarem nos açouques. (va\_018)
- b. **Sempre** se dará ao Senhor de Engenho, e Lavradores de destes livremente todo o gado, que lhes for necessário para o serviço do dito engenho. (va\_019)
- c. O senhor nunca nos incomoda, dá-nos **sempre** muito prazer. (j\_001)
- d. Pois seguro-te, meu bem, que apesar de tudo hei de ser **sempre** firme, constante, e leal. (s\_007)
- e. Se eu soubesse que havia de ser **sempre** tão feliz, casar-me-ia cinquenta. (p\_004)

Não encontramos nos dados ocorrência de *quase* com verbos lexicais, apenas com auxiliares. Seu posicionamento em relação ao advérbio foi categórico: anteposição, tanto no século 18 quanto no 19, como se vê em ((27a) e (27b)), abaixo. Apesar de não termos evidência de *quase* com verbos lexicais, nesse período, o verbo lexical precedia advérbios mais altos que *quase*, como, *sempre* (26), *ainda* (25), o que, por transitividade, sugere que precedia também *quase*.

<sup>11</sup> Tanto no século 18 quanto 19, houve casos em que o advérbio *sempre* precedeu o verbo auxiliar. Foram casos de *sempre* veiculando uma leitura confirmativa, os quais não foram computados (cf. Lopes, 1998; Tescari Neto, 2013; Araújo-Adriano, 2022).

(27) **Advérbio *quase***

- a. Foi, que Dom Tibúrcio com a pena de se ver acometido de três mulheres, como vossa mercê sabe, à vista das noivas e do sogro, tomou tal paixão, que lhe deu esta noite uma cólica, e está **quase** indo-se por um fio. (s\_007)
- b. Os recursos que eu possuía estão **quase** inteiramente esgotados. (a\_009)

Quanto ao posicionamento do verbo em relação ao advérbio *bem*, tanto a posposição quanto a anteposição foram atestadas. Assim como no século 17, as anteposições ao verbo eram casos de *bem* na leitura de foco. Por outro lado, encontramos evidência do verbo lexical precedendo *bem*, o que nos leva a afirmar que havia movimento verbal por sobre esse advérbio nos séculos 18 (28a) e 19 (28b).

(28) **Advérbio *bem***

- a. Dizem **bem**, que o mundo não é capaz de sustentar aquele globo esférico da formosura; e assim o ar é a pátria daquela estrela de Vênus. (s\_004)
- b. Vossa Excelência passa **bem**. (j\_001)

Apesar de não ter sido atestada nenhuma ocorrência de *bem* seguindo ou precedendo verbos auxiliares, sua precedência em relação a advérbios mais altos que *bem*, como por exemplo, *sempre* (26), *ainda* (25), por transitividade, nos permite afirmar que, por hipótese, o verbo funcional também se movia por sobre *bem* tanto no século 18 quanto no 19.

### 3.2.1 Síntese dos dados dos séculos 18 e 19

Para concluir a apresentação dos dados dos séculos 18 e 19, na Tabela 2 e 3, summarizamos as ocorrências do verbo lexical e auxiliar em relação aos advérbios. Podemos observar que o verbo lexical se move por sobre os advérbios *bem*, *sempre*, *ainda* e, por extensão, *quase*, advérbio mais baixo que os dois últimos, mas não se move por sobre *já*. Por outro lado, o verbo auxiliar se move por sobre advérbios mais altos que *bem*, como *quase*, *sempre*, *ainda* e por sobre *já* apenas no século 18, mas não mais no século 19.

Tabela 2 – Percentual verbo lexical e auxiliar em relação a advérbios nos séculos 18

	já	ainda	sempre	quase	bem
adv_V	86%	87%	65%		
V_adv	14%	13%	35%		100%
adv_AUX	27%	50%			
AUX_adv	73%	50%	100%	100%	

Tabela 3 – Percentual verbo lexical e auxiliar em relação a advérbios nos séculos 19

	já	ainda	sempre	quase	bem
adv_V	100%	81%	18%		
V_adv		19%	82%		100%
adv_AUX	100%				
AUX_adv		100%	100%	100%	

### 3.3 Século 20 e 21

No *corpus*, encontramos apenas uma ocorrência de *já* seguindo o verbo lexical, como se vê em (29a). Esse uso, entretanto, não é o prototípico do advérbio em questão. Aqui, *já* parece veicular uma ideia de *logo, daqui a pouco*. Em todos os outros usos do advérbio, na sua leitura característica de anterioridade ao evento, o verbo lexical e auxiliar precedia-o nos séculos 20 e 21 (29b e 29c).

#### (29) Advérbio *já*

- a. A Marcelina ainda não foi, mas vai **já**. (t\_001)
- b. Todo mundo **já** conhece essa história, Selma ... (f\_003)
- c. Você **já** está trocando as pernas. (f\_003)

Na pesquisa diacrônica, encontramos *ainda* seguindo, tanto no século 20 quanto no século 21, apenas o verbo auxiliar (30a), o que sugere que o verbo auxiliar se move nesse período a uma posição acima da projeção funcional lexicalizada por *ainda*. Foram também encontradas ocorrências de *ainda* precedendo o verbo lexical e auxiliar, o que não serve de evidência contra a presença de movimento verbal. Entretanto, uma vez que encontramos posposição de *ainda* apenas em relação a auxiliares, é possível afirmar que a ausência de ocorrência de posposição do advérbio em relação a verbos lexicais é evidência de ausência dessa configuração no período analisado.

(30) **Advérbio *ainda***

Eles quase se mataram hoje de manhã, eu vi que ia **ainda** sobrando para mim e pulei fora. (f\_003)

Em relação a *quase*, foi atestada posposição apenas em relação a verbos auxiliares (31a), mas não com verbos lexicais, com os quais o advérbio apareceu posposto em todos os casos (31b).

(31) **Advérbio *quase***

- a. Seu Otávio está **quase** brigando no botequim! (g\_011)
- b. Reclamações do prédio todo – a síndica **quase** deu na minha cara.  
(f\_003)

Diferentemente dos séculos 18 e 19, a preferência de o verbo lexical seguir o advérbio *sempre* nos séculos 20 e 21 diminuiu: nesse período, o ordenamento *sempre\_V* ocorreu em 80% das ocorrências (32a) e em apenas 20%, com *V\_sempre* (32b). Diferentemente do verbo lexical, os verbos auxiliares categoricamente precederam o advérbio *sempre* no *corpus* (32c).

(32) **Advérbio *sempre***

- a. Eu não sou mais criança, não, Maria Lúcia, e vou logo avisando que eu não vou admitir que vocês me tratem como uma débil-mental como **sempre** fizeram. (f\_003)
- b. Você tem **sempre** uma desculpa pronta. (t\_001)
- c. É por isso que a senhora está **sempre** cansada, vive me prometendo pancada! (g\_011)

Nos dados dos séculos 20 e 21, o advérbio *bem* categoricamente seguiu o verbo auxiliar e o verbo lexical, como observado nos exemplos (33a) e (33b), abaixo.

(33) **Advérbio *bem***

- a. Está com os pulmão arrebentando mas bebe **bem**. (g\_011)
- b. E como é que a gente vai enxergar **bem** com aqueles lençóis horríveis que tem que usar quando vira fantasma? (g\_012)

### 3.3.1 Síntese dos dados dos séculos 20 e 21

Para concluir a apresentação dos dados dos séculos 20 e 21, nas Tabelas 4 e 5, sumarizamos as ocorrências do verbo lexical e auxiliar em relação aos advérbios observados até então. Podemos observar que o verbo lexical se move apenas por sobre *bem*, mas não por sobre *quase*, *sempre*, *ainda* tampouco *já*. Diferentemente, os verbos auxiliares, para precederem *bem*, *quase*, *sempre* e *ainda*, precisam se mover mais alto que *ainda*, mas não mais, considerando que não podem preceder *já*.

Tabela 4 – Percentual verbo lexical e auxiliar em relação a advérbios nos séculos 20

	<i>já</i>	<i>ainda</i>	<i>sempre</i>	<i>quase</i>	<i>bem</i>
adv_V	86%	87%	77%		
V_adv	14%	13%	23%		100%
adv_AUX	27%	47%			
AUX_adv	73%	53%	100%	100%	

Tabela 5 – Percentual verbo lexical e auxiliar em relação a advérbios nos séculos 21

	<i>já</i>	<i>ainda</i>	<i>sempre</i>	<i>quase</i>	<i>bem</i>
adv_V	100%	100%	86%		
V_adv			14%		100%
adv_AUX	100%	64%			
AUX_adv		36%	100%	100%	

### 3.3.2 Síntese da seção

No exposto nesta seção 3, apresentamos os resultados referentes ao posicionamento do verbo em relação aos advérbios *bem*, *quase*, *sempre*, *ainda* e *já* nos séculos 17, 18, 19, 20 e 21. Com esses dados diacrônicos, observamos que a ordem do verbo mudou ao longo do tempo. Em um primeiro momento, vimos em 3.1 que tanto o verbo lexical quanto o auxiliar podiam se mover por sobre *já* e todos os outros advérbios mais baixos. Esse ordenamento, como exposto em 3.2, já não era mais preferência para os verbos lexicais a partir do século 18, apesar de ter havido ainda alguns resquícios da gramática do século anterior. Essa gramática parecia resistir nos contextos de verbos auxiliares que ainda no século 18, assim como no século 17, precedem preferencialmente o advérbio *já*. No século 19, por outro lado, não há mais resquícios da gramática do século 17: tanto o verbo lexical quanto o verbo auxiliar obrigatoriamente seguem *já*, mas precedem todos os advérbios mais baixos: *ainda*, *sempre*, *quase* e *bem*.

Nos séculos 20 e 21, notamos, em 3.3, mais uma vez uma mudança no ordenamento do verbo: nesse período, verbos lexicais não mais precedem *ainda, quase* e *sempre*, mas continuam se antepondo em relação a *bem*, diferentemente dos verbos auxiliares que continuam a preceder todos esses advérbios, mas não *já*, assim como na gramática dos séculos 18 e 19. No Quadro 2, abaixo, sintetizamos os resultados quanto ao ordenamento do verbo português em relação a advérbios ao longo do tempo.

Quadro 2 - posicionamento do verbo lexical e auxiliar em relação a advérbios na diacronia do PB

<b>Século</b>	<b>Verbo</b>	<b>Posicionamento</b>	
		<b>Precede</b>	<b>Não precede</b>
17	lexical	<i>já, bem, quase, sempre, ainda</i>	-
	auxiliar	<i>já, bem, quase, sempre, ainda</i>	-
18	lexical	<i>bem, quase, sempre, ainda</i>	<i>já</i>
	auxiliar	<i>já, bem, quase, sempre, ainda</i>	
19	lexical	<i>bem, quase, sempre, ainda</i>	<i>já</i>
	auxiliar	<i>precede bem, quase, sempre, ainda</i>	<i>já</i>
20	lexical	<i>bem</i>	<i>já, ainda, quase, sempre</i>
	auxiliar	<i>bem, quase, sempre, ainda</i>	<i>já</i>
21	lexical	<i>bem</i>	<i>já, ainda, quase, sempre</i>
	auxiliar	<i>bem, quase, sempre, ainda</i>	<i>já</i>

#### 4 Discussão

Pelo ordenamento do verbo em relação a advérbios, mostramos na seção anterior que o português brasileiro passou por três períodos: o **Período 1**, compreendendo o período do século 17, cuja gramática gerava um sistema V2 flexível; o **Período 2**, dos séculos 18 e 19, com o verbo lexical e auxiliar não precedendo *já*; e, por fim, o **Período 3**, compreendendo os séculos 20 e 21, com diferença no ordenamento dos verbos em relação ao tipo de verbo – verbos lexicais não precedem *já, ainda, quase* e *sempre*, mas precedem *bem*, diferentemente do verbo auxiliar que precede todos esses advérbios, exceto *já*.

Assumindo a hierarquia universal das projeções funcionais e a proposta de Wolfe (cf. seção 1), vemos que no Período 1 os verbos lexicais e auxiliares se moviam para Fin (periferia esquerda da sentença), posicionamento que gera a precedência a todos os ad-

vérbios mais baixos que *já*. Já no Período 2, esse movimento não é mais atestado, movendo-se, verbos auxiliares e lexicais, para  $T_{Anterior}$ , lugar onde seguem *já*, mas precedem todos os advérbios mais baixos. Por fim, no Período 3, verbos auxiliares continuam se movendo para  $T_{Anterior}$ , diferentemente de verbos lexicais, que se movem para alguma posição mais baixa que a projeção onde se localiza *ainda* em  $Asp_{Continuative}$ , *sempre* em  $Asp_{Perfect}$ , *quase* em  $Asp_{Prospective}$  mas mais alta que *bem* em Voice.

Como vimos, o português escrito por brasileiros perde as propriedades de língua V2 flexível no século 18. Com base em Chomsky (2008), o TP/IP apenas manifesta traços- $\varphi$  e de Tempo (Tense) se for selecionado por C, pois T herda os traços de Tempo de C, que é um núcleo de fase (Roberts, 2019). Biberauer e Roberts (2017), seguindo Ouali (2008), estipulam a possibilidade de C doar, compartilhar ou manter os traços de Tempo de modo a explicar a variação paramétrica nas línguas. Desse modo, as línguas se diferenciariam se (i) C doa os traços de Tempo para T, se (ii) C compartilha os traços de Tempo com T, ou, se (iii) C retém os traços de Tempo. Retomando a proposta de Wolfe (2018, 2019) de que nas línguas V2 o local de pouso do verbo pode ser Force ou Fin, assumimos que Fin, a projeção funcional mais baixa do núcleo C (cf. seção 2), doa, compartilha ou retém os traços de Tempo.

Nas línguas V2 (exceto no islandês em que os traços de T são compartilhados com C), Fin retém o traço de Tempo, ou seja, T não herda esse traço, o que obriga o verbo a subir até a periferia esquerda e, consequentemente, o traço de borda atrai um XP qualquer para seu especificador. Portanto, herdar ou não o traço de Tempo de Fin tem um papel importante que distingue as línguas românicas das línguas germânicas.

Aliado a isso, lançamos mão da discussão levantada por Schifano (2018), que, a partir da estrutura articulada das projeções funcionais em (7), propõe que a hierarquia de Cinque (1999) pode ser reduzida em três grandes zonas funcionais: “uma zona alta, onde M(ood) é codificado, uma zona sentencial medial, onde T(ense) é codificado, e uma zona baixa, onde A(spect) é codificado” (Schifano, 2018, p. 134-135). Dessa forma, o movimento do verbo é visto como mirando zonas na estrutura sintática, por exemplo, Aspect, em vez de posições específicas, por exemplo,  $Asp_{Frequentative}$ . Para nossa discussão, em vez de uma estrutura articulada de núcleos funcionais, é suficiente assumir que IP é estruturado em zona Aspectual, Temporal e Modal. Assim, no Período 1, o verbo se movia para Fin, no Período 2, para a zona Temporal e no Período 3, apenas o verbo auxiliar continua se movendo para a zona T, enquanto o verbo lexical reduz seu movimento para a zona Aspect.

Junto de Schifano (2018), adotamos a proposta de que a propriedade que desencadeia movimento para essas zonas é a presença de um traço não interpretável [ $uF$ ] em projeções funcionais como Fin, T, A ou M. Assumindo que  $v$  é sempre interpretável [ $iX$ ] para Fin, T, Asp e M, portanto [ $iFin$ ], [ $iT$ ], [ $iAsp$ ] e [ $iM$ ], Fin, T, Asp e M podem portar traços interpretáveis [ $iFin$ ], [ $iT$ ], [ $iAsp$ ] e [ $iM$ ] ou não interpretáveis [ $uFin$ ], [ $uT$ ], [ $uAsp$ ] e [ $uM$ ], respectivamente (note que nesse sistema traços são sempre valorados, podendo ser ou não interpretáveis). Pelo fato de que traços não interpretáveis devem ser elididos o mais rápido possível para serem lidos nas interfaces (Chomsky, 1995, p. 219–348), a maneira de deletar [ $uFin$ ], [ $uT$ ], [ $uAsp$ ] e [ $uM$ ] portados pelas sondas Fin, T, Asp ou M é por uma relação de checagem com o alvo  $v$  via operação de movimento. Dessa maneira, quando as sondas têm traços interpretáveis correspondentes com os traços de  $v$ , esse alvo não se move: o movimento só é desencadeado se Fin, T, Asp ou M portarem um traço não interpretável, como apresentado abaixo.

- (34) Checagem de traços entre  $v$  e Fin, T, A e M e consequências sintáticas
- [Fin/M/T/A<sub>[uX]</sub> [...  $v_{[iX]}$ ]]: movimento
- [Fin/M/T/A<sub>[iX]</sub> [...  $v_{[iX]}$ ]]: ausência de movimento

Dentro dessa abordagem, uma proposta explicativa para as diferentes ordens do verbo em relação a advérbios e, consequentemente, para as diferentes posições para onde o verbo se move na diacronia do PB seria da maneira como se segue. No período do século 17 em que tanto verbos auxiliares quanto verbos lexicais precediam *já*, gerando um sistema V2, propomos que Fin portava [ $uFin$ ], sendo o movimento de V e AUX, ambas as categorias com [ $iFin$ ], o responsável pelo apagamento desses traços não interpretáveis. No período seguinte, compreendendo os séculos 18 e 19, a perda dos traços não interpretáveis de Fin, perda comum em mudança linguística (cf. Roberts e Roussou, 2003), fez com que seus traços [ $iFin$ ] deixassem de desencadear movimento do verbo para essa posição alta. Como consequência, o verbo tanto lexical quanto auxiliar perde movimento para Fin, gerando um sistema que não é mais V2. Com essa perda de movimento, ambos os tipos de verbo passaram a seguir *já* mas preceder advérbios mais baixos, como *ainda*, *sempre* etc. Isso equivale a dizer que falantes dos séculos 18 e 19 moviam o verbo lexical e auxiliar para a zona T, que portava traços [ $uT$ ]. Mais uma vez, há perda de traços [ $uT$ ] em T, mas apenas em relação a verbos lexicais: verbos auxiliares continuam se movendo para a zona T, checando os traços [ $uT$ ], precedendo advérbios mais baixos que *já*,

diferentemente de verbos lexicais que perderam movimento para a zona T, se movendo apenas para a zona Asp (cf. Cyrino, 2013, para quem verbos lexicais se movem em português contemporâneo até Aspecto), checando seus traços [*uAsp*] e, consequentemente, seguindo advérbios aspectuais como *sempre*, *quase* mas precedendo advérbios muito baixos, como *bem*. Assim, vislumbramos ao longo da história do PB três períodos:

- (57) a. O sistema gramatical do PB no século 17

[Fin<sub>[uFin]</sub> [Mood<sub>[uM]</sub> [Tense<sub>[uT]</sub> [Aspect<sub>[uAsp]</sub> [v<sub>AUX</sub> - v - VP]]]]]]

- b. O sistema gramatical do PB nos séculos 18 e 19

[Fin<sub>[iFin]</sub> [Mood<sub>[iM]</sub> [Tense<sub>[uT]</sub> [Aspect<sub>[uAsp]</sub> [v<sub>AUX</sub> - v - VP]]]]]]

- c. O sistema gramatical do PB nos séculos 20 e 21

[Fin<sub>[iFin]</sub> [Mood<sub>[iM]</sub> [Tense<sub>[iT]</sub> [Aspect<sub>[uAsp]</sub> [v - VP]]]]]]

[Fin<sub>[iFin]</sub> [Mood<sub>[iM]</sub> [Tense<sub>[uT]</sub> [Aspect<sub>[uAsp]</sub> [v<sub>AUX</sub>]]]]]]

A perspectiva que adotamos para mudança linguística é uma perspectiva emergentista, advinda da abordagem de Hierarquia de Parâmetros (Roberts 2012, Biberauer & Roberts 2012, 2015, Biberauer & Walkden 2015, Biberauer 2017, Roberts 2019a). Tal abordagem considera juntamente de Chomsky (2005) que, para se alcançar adequação explicativa, a Gramática Universal (GU) precisa ser a mais pobre possível, não envolvendo um número grande de parâmetros que diferenciariam uma língua da outra, tal como era na abordagem paramétrica tradicional (Chomsky, 1981). Contrariamente, a Faculdade da Linguagem seria formada por três fatores: GU (fator 1), dados linguísticos primários (fator 2) e princípios de eficiência computacional (fator 3).

Dada a pobreza da GU, a premissa básica da abordagem de Hierarquia de Parâmetros é que a variação “emerge de aspectos não subespecificados da GU e é estruturada por propriedades do terceiro-fator altamente emergindo da necessidade de aprendizagem eficiente” (Roberts, 2012, p. 321). Assim, parâmetros não fazem parte da GU, mas são determinados por estratégias de aprendizagem durante a aquisição da linguagem (sobre a relação entre mudança e aquisição da linguagem, cf. Lightfoot, 1979), *i.e.*, uma propriedade emergente da interação dos três fatores. A principal hipótese da abordagem de hierarquia de parâmetros é que a variação paramétrica não está presente em todos os itens lexicais, mas restrita a itens funcionais. Consequentemente, a parametrização emerge quando a criança entretém diferentes traços nos núcleos funcionais no léxico, como formulada pela Conjectura Borer-Chomksy, apresentada abaixo:

(35) Conjectura Borer-Chomsky (Baker, 2008, p. 353)

Todos os parâmetros de variação são atribuíveis às diferenças nos traços de itens particulares (*e.g.*, núcleos funcionais) no léxico.

Sob esse ponto de vista, as diferenças entre as línguas são um corolário de agregados de hierarquias de parâmetros, indo de um traço que é altamente espalhado pelos núcleos funcionais a traços que são altamente restritos a não todos mas a alguns núcleos funcionais. Isso dá origem a uma taxonomia de parâmetros (Biberauer & Roberts 2015, 2012, 2016, Biberauer 2017, Roberts 2019):

(36) Tipos de parâmetros

Para um dado valor  $v_i$  de um traço F parametricamente variante,

- a. Macroparâmetros: todos os núcleos de um tipo relevante, *e.g.*, todas as sondas, todos os núcleos fáscicos etc compartilham  $v_i$ ;
- b. Mesoparâmetros: todos os núcleos de uma dada classe natural, *e.g.*, [+V] ou uma categoria funcional central compartilham  $v_i$ ;
- c. Microparâmetros: uma subclasse pequena de núcleos funcionais (*e.g.* modais auxiliares, sujeito clíticos), lexicalmente definida compartilha  $v_i$ ;
- d. Nanoparâmetros: um ou mais itens lexicais individuais está/estão especificando/s para  $v_i$ .

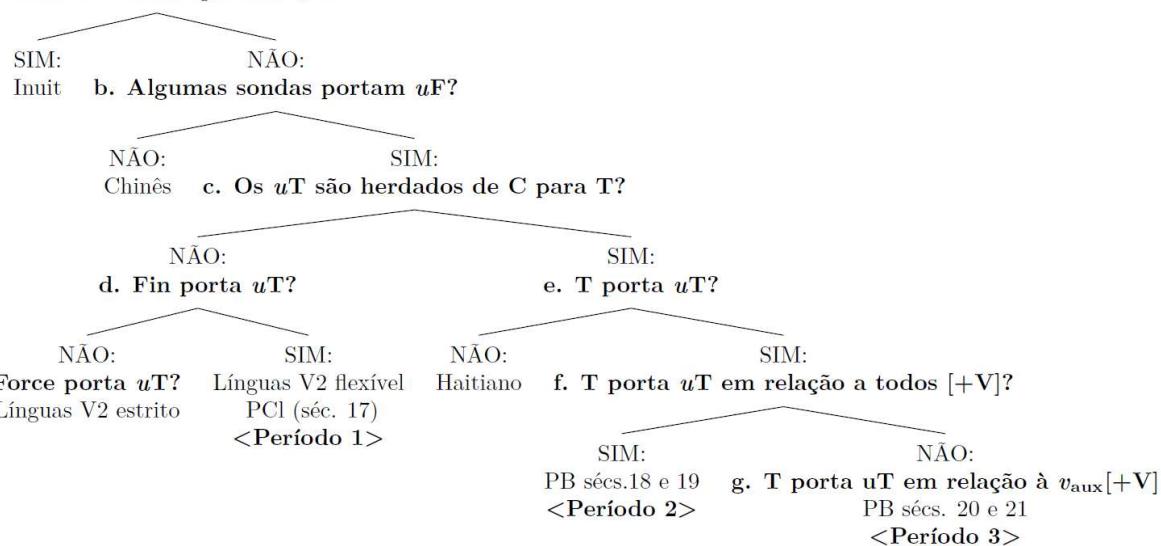
A taxonomia acima combina núcleos funcionais e traços formais em conjuntos de tamanhos diferentes. Assim, os macroparâmetros e mesoparâmetros são vistos como agregados de tamanhos diferentes de microparâmetros, na medida em que representam diferentes distribuições de traços formais idênticos nos núcleos funcionais. Além disso, essas combinações capturam variações aparentemente discordantes sem proliferar parâmetros ou traços formais e restringem, de modo drástico, o espaço de gramáticas possíveis, criando dependências entre parâmetros (Roberts e Holmberg, 2010).

Como explicitamos anteriormente, a mudança nos três períodos evidenciados pode ser atribuída à presença/ausência de um traço formal que os núcleos funcionais portam. Baseado nos resultados diacrônicos, evidenciamos um período (a) em que Fin porta [uFin] em relação a todos os elementos verbais, outro período em que (b) Fin perde seus traços [uFin], reduzindo o escopo do movimento dos elementos verbais, que

passam a se mover para T, devido a seus traços [uT] em relação a  $v_{aux}$  e V. Finalmente, evidenciamos um terceiro período (c) em que T limitou seus traços [uT] a apenas verbos auxiliares, passando a ser [iT] em relação a verbos lexicais. Tendo em vista a abordagem da Hierarquia de Parâmetros, apresentamos a nossa proposta explicativa relativamente à mudança da ordem do verbo no PB.

(37)

- a. Todas as sondas portam  $uF$ ?



No português clássico, as crianças não tinham evidência nos seus dados linguísticos primários que todas as sondas portavam um traço não interpretável (por exemplo, um N não se incorporava a T, como seria o caso se a criança estivesse exposta a uma língua como o inuíte *ti-seuan-mU-ban*/1SG:um-homem-ver-PASSADO ‘eu vi o homem’, Baker 1996, p. 327). Por isso, é plausível afirmar que as crianças desse período marcavam NÃO para (37a). Sondas que não portam um traço não interpretável é a instância de uma língua como o chinês, em que todos os núcleos são “flutuantes”, como em *ben shu* CL livro ‘livro’ (Huang, 2015, p. 8). Uma vez que crianças brasileiras nunca tiveram acesso a esse tipo de *input*, sempre assinalaram SIM para (37b).

A variação entre os diferentes períodos evidenciados do português brasileiro tem origem onde o traço de tempo aparece, isto é, em (37c). Se os traços T ficam retidos em C, Force ou Fin pode portá-los. Se os traços T ficam retidos em Fin, desencadeia o movimento do verbo para Fin, resultando, consequentemente, em um sistema V2 flexível. Se Force, uma projeção mais alta que Fin, porta os traços T, o resultado é um sistema V2 estrito, em que o verbo se move para Force.

O que está em jogo é se os traços T são herdados por T (37c). No português clássico e no português escrito por brasileiros no século 17, os traços de T ficam “retidos” em Fin, evidenciados nos dados linguísticos primários pelo fronteamento do objeto como em *Algumas quantias que achamos receberam os ditos tesoureiros* (va\_017), por isso, a criança desse período assinalava NÃO para (37c). Outra evidência de que Fin portava [uF] e não Force é a ocorrência de sentenças como *e [destes] [totalmente] ficam isentos os ricos* (va\_017), que apresenta ordem V>3, muito restrita em línguas ForceV2, mas muito comuns em línguas FinV2 (cf. seção 1).

Já no português escrito por brasileiros no século 18, C doa os traços T para T, evidenciado nos dados linguísticos primários pela perda do fronteamento de objeto como em *Todos minha paixão vêm* (b\_011), o que leva os escritores nascidos no século 18 a assinalar SIM para (37c), com consequente perda gradativa da propriedade de reter os traços T e passando a doar seus traços para T. Assim, vemos resquícios de um sistema V2 (ainda havendo registros da ordem OVS), principalmente em relação aos verbos auxiliares, como vimos em 3.1, o que pode ser explicado pelo que Kroch (1994; 2001) chama de competição de gramáticas, uma competição entre SIM e NÃO para o parâmetro em (37c).

A competição de gramáticas, também chamada de diglossia sintática, reflete um período de covariação entre opções gramaticalmente incompatíveis na fala e na escrita em uma comunidade de fala. As situações diglóssicas envolveriam o contraste entre a variedade mais conservadora (NÃO para (37c)) e a variedade mais inovadora (SIM para (37c)). Ao ligar o processo de mudança sintática à aquisição (Lightfoot, 1979), assume-se que a mudança sintática se relaciona a uma significativa alteração nos dados linguísticos primários. Essa alteração, embora se fixe de modo abrupto, aparece nos dados via competição de gramáticas, como ocorreu no século 18 (Kroch, 1994; 2001).

Assim, diante dos dados linguísticos primários, tendo marcado SIM para o parâmetro (37c), a criança brasileira então decide se T na sua língua porta ou não traços [uT] (37e). Caso fosse exposta a uma língua com morfemas temporais diretamente inseridos em MTA, como no haitiano *Mwen pa kwè pèsonn ap vini* (1SG NEG acreditar ninguém FUT vir ‘Eu não acredito que ninguém vá vir’), cuja língua não tem traços que atraiam V (Roberts 2017, p. 333), o valor marcado para (37e) seria NÃO. Na história do português, entretanto, nunca existiram dados linguísticos primários como os do tipo haitiano que levassem o brasileiro oitocentista e novecentista a marcar (37e) diferente de um valor SIM.

Com evidências formadas por dados de precedência em relação a certos advérbios, como *ainda, sempre, quase etc* (*Não dei ainda motivos/Tenho ainda que comprar um par de*

*botinas e fazer a barba ou O senhor nunca nos incomoda, dá-nos sempre muito prazer/Se eu soubesse que havia de ser sempre tão feliz, casar-me-ia cinquenta.), os escritores nascidos nos séculos 18 e 19 tinham manifestações suficientes de que T portava traços [uT] em relação a todos os elementos [+V], envolvendo tanto o verbo lexical quanto o verbo auxiliar. Como consequência, o valor SIM era marcado para (37f), ou seja, todos os verbos finitos eram sondados por T via [uT].*

Outra variação entre os diferentes períodos evidenciados do português brasileiro tem origem na reanálise que as crianças dos séculos 18 e 19 fizeram em relação ao traço [uT] de T. Até o século 19, a criança brasileira tinha uma gramática estável, com seus dados linguísticos primários apontando em direção à resposta SIM para o parâmetro em (37f), produzindo sentenças com verbos auxiliares, mas também lexicais, precedendo certos advérbios. Por algumas razões externas<sup>12</sup>, seja por princípios de economia, seja por contato linguístico, os verbos lexicais no português brasileiro perderam interpretações temporais (cf. Cyrino, 2013; Tescari Neto *et al.*, 2021), o que pode ser a razão pela qual as crianças perderam evidência de [uT] em T em relação ao verbo lexical. Isso significa dizer que verbos lexicais, mas não auxiliares, deixaram de estabelecer relação com T, passando a se relacionar apenas projeções mais baixas, como Aspecto (cf. Cyrino, 2013). Portanto, com uma gramática instável, crianças no século 20 e 21 tiveram que realizar seus dados e “mover para baixo” na Hierarquia de Parâmetros para encontrar a melhor solução paramétrica para os dados linguísticos primários.

Consequentemente, os dados com apenas verbos auxiliares, mas não lexicais, precedendo advérbios como *ainda, sempre, quase* não mais se conformam com a resposta SIM para (37f), fazendo com que as crianças dos séculos 20 e 21 restrinjam os elementos sondados por T a apenas verbos auxiliares, estabilizando sua gramática com a resposta NÃO para (37f). Assim, ao longo do tempo, vemos marcações paramétricas distintas, emergindo sistemas linguísticos também distintos:

- (38) Português Clássico Colonial (SIM > 38d) >  
Português Brasileiro Colonial (SIM > 38f) >  
Português Brasileiro moderno (NÃO > 38f).

Nota-se, portanto, que uma abordagem tal como a da Hierarquia de Parâmetros, apesar de ter sido desenvolvida pensando na comparação sincrônica entre línguas (Roberts 2012, Biberauer; Roberts 2012, 2015, Biberauer; Walkden 2015, Biberauer

<sup>12</sup> Questões que, por motivos de escopo, nos limitam a uma discussão mais aprofundada.

2017, Roberts 2019), é também uma abordagem profícua para a diacronia. Assim como cada marcação paramétrica leva a criança a adquirir uma língua-alvo diferente, no âmbito da mudança linguística, cada marcação paramétrica também levaria a criança a uma língua-alvo diferente, apesar de essas línguas-alvo distintas serem estágios da mesma língua em períodos diferentes.

De que modo, então, a análise apresentada contribui para repensarmos as propostas de periodização existentes? Os dados fornecem evidências de que a subida do verbo passou por três períodos de diferenciação: **Período I**, que chamaremos de Português Clássico Colonial, em que a língua transplantada para a colônia apresenta o mesmo padrão do português clássico. Encontramos evidências – subida dos verbos auxiliares e lexicais por sobre o advérbio *já* e ocorrência de ordem OVS – de que os textos escritos por brasileiros ao longo do século 17 apresentam uma gramática V2; **Período II**, que chamaremos de **Português Brasileiro Colonial**<sup>13</sup>, em que o verbo lexical perde movimento, deixando de subir por sobre *já*, mas ainda com subida nos verbos auxiliares e resquícios de ordem OVS; **Período III (PB moderno)**, em que a perda do movimento verbal é mais uma evidenciada nos verbos lexicais, mas não nos verbos auxiliares. Como base nisso, propomos a seguinte periodização:

Nova proposta de periodização para o português brasileiro		
Nossa proposta (2025)		
1 <sup>a</sup> fase Português Clássico Colonial (até 1700)	2 <sup>a</sup> fase Português Brasileiro Colonial (1700-1899)	3 <sup>a</sup> fase Português Brasileiro Moderno (1900-atual)

A periodização proposta aqui parte de evidências linguísticas, ou seja, da história interna da língua. Estamos corroborando aqui propostas anteriores de que (i) as raízes do PB emergem no século 18, (ii) há uma fase de transição entre uma gramática clássica, língua das caravelas (Galves, 2007), e a gramática do PB moderno. O *Português Brasileiro Colonial*, fase de transição entre uma gramática clássica e a gramática do PB moderno, não é um reflexo da mudança português clássico > PE, mas sofre influência superficial dessa mudança através do processo de gramatização/normatização que acontece no Brasil, sobretudo, a partir da segunda metade do século 19 (cf. Pagotto, 1998). Defendemos também, com base em Corôa (2022), *Português Brasileiro Colonial* pouco se assemelha a gramática do PE, pois, no século 18, já há indícios de fenômenos idiossincráticos da

<sup>13</sup> Pontuamos, que a denominação adotada, apesar de parecida, diverge do que propõem Cardoso, Andrade e Carneiro (2023), pois concebemos que a gramática do que chamamos de Português Brasileiro Colonial constitui marcas de uma gramática vernacular brasileira, ao contrário do que afirmam aqueles autores.

gramática do PB como restrição da inversão do sujeito aos verbos inacusativos, generalização da próclise nas sentenças matrizes, sujeitos indeterminados e casos de objeto nulo referencial.

Apesar de a nossa proposta tomar por base fatores internos à língua, não deixa de refletir alguns aspectos trazidos nas periodizações de:

- (i) Marlos Pessoa de Barros (2003), quando vemos coincidir, em certa medida, a segunda fase da proposta, chamada de etapa da formação do *português comum brasileiro* e o que chamamos de *Português Brasileiro Colonial*;
- (ii) Volker Noll (2008), quando coincidem a fase diferenciadora, em que, segundo Noll, há a formação do português brasileiro e diferenciação das variedades europeia e brasileira e o que chamamos de *Português Brasileiro Colonial*.

Por fim, ressaltamos ainda a importância de entrelaçar os dados trazidos nesta investigação com as propostas de periodização elencadas na introdução a fim de melhor compreender os fatores sócio-históricos e linguísticos na diacronia da língua portuguesa no Brasil.

## 5 Considerações finais

Este artigo discutiu a periodização do português brasileiro, a partir de evidências do diferente ordenamento do verbo em relação a advérbios ao longo da história. Analisamos os resultados referentes ao posicionamento do verbo em relação aos advérbios *bem*, *quase*, *sempre*, *ainda* e *já* pelos séculos 17, 18, 19, 20 e 21. Com base nesses dados diacrônicos, observamos que a ordem do verbo sofreu três mudanças mais significativas ao longo do tempo.

Inicialmente, tanto o verbo lexical quanto o auxiliar podiam preceder *já* e de todos os outros advérbios mais baixos, além de termos evidências de fronteamento de objetos, com o ordenamento OVS, que aponta para uma gramática do tipo V2 (Período 1). Esse ordenamento deixou de ser a preferência para os verbos lexicais a partir do século 18, embora ainda houvesse alguns vestígios da gramática do século anterior. Essa gramática parecia persistir nos contextos com verbos auxiliares, que ainda no século 18, assim como no século 17, preferencialmente precediam o advérbio “*já*”. No século 19 (Período 2), entretanto, não há mais vestígios da gramática do século 17: tanto o verbo lexical quanto o auxiliar obrigatoriamente seguem *já*, mas precedem todos os advérbios mais baixos: *ainda*, *sempre*, *quase* e *bem*. Nos séculos 20 e 21 (Período 3), observamos novamente outra mudança na ordenação do verbo. Durante esse período, os verbos lexicais

não mais precedem *ainda, quase e sempre*, mas continuam se posicionando antes de *bem*. Diferentemente, os verbos auxiliares continuam a preceder todos esses advérbios, exceto *já*, mantendo o comportamento observado na gramática dos séculos 18 e 19.

Formalizamos essa mudança adotando a abordagem da Hierarquia de Parâmetros, propondo que no Período I os traços não interpretáveis em Fin [*uFin*] desencadeava movimento do verbo para Fin, gerando ordenamento que precedia todos os advérbios analisados e uma gramática V2. Já no Período 2, esses traços são perdidos, com Fin passando a portar traços [*iFin*]. Nesse período, T portava traços [*uT*] em relação a todos os elementos verbais, desencadeando movimento não só do verbo lexical, mas também dos verbos auxiliares. Por fim, no Período 3, T manteve seus traços em relação a verbos auxiliares, mas restringiu seus traços em relação a verbos auxiliares, passando a portar traços [*iT*], gerando diferenças em relação ao movimento do verbo: apenas verbos auxiliares se movem até a zona T, diferentemente dos verbos lexicais que se movem para uma posição mais baixa que T.

Os dados apontaram a necessidade de revisão das propostas de periodização para a língua portuguesa no Brasil. Por isso, propomos uma periodização que está de acordo com as mudanças significativas reportadas pela ordem do verbo. A periodização proposta divide-se nas seguintes fases: Período I, que chamamos de Português Clássico Colonial; Período II, denominada de Português Brasileiro Colonial; e, a Período III, nomeada de Português Brasileiro Moderno.

Sabemos que são necessárias outras análises, incluindo outros fenômenos sintáticos, que possam confirmar e/ou refutar os dados aqui apresentados. Por ora, deixamos a nossa contribuição sobre a necessidade de voltarmos nosso olhar sobre a sintaxe do período, para que possamos melhor compreender quando a gramática brasileira emergiu.

## Referências

ANDRIANI, L. The modal value of *ancora/angórə* in Barese and northern Apulian varieties. *Cambridge Occasional Papers in Linguistics*, Cambridge, UK, v. 9, p. 235–245, 2016.

ANTONELLI, A. L.. Posição do verbo no português clássico: evidências de um sistema V2. Alfa: Revista de Linguística (São José do Rio Preto), v. 55, n. 2, p. 501–522, jul. 2011.

ANTONELLI, A.L. Sintaxe da posição do verbo e mudança gramatical na história do português europeu. 230f.p. Tese (Doutorado em Linguística)—Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2011.

ARAÚJO-ADRIANO, P. Â. The position of the verb with respect to the adverb 'sempre' over four centuries: diagnosis for the (loss of high) verb movement in Brazilian Portuguese. *Journal of Historical Syntax*, [s. l.], v. 6, n. 3, p. 1–50, 2022.

ARAÚJO-ADRIANO, P. Â.; CORÔA, W. Reconstruindo a história do português do brasil pelo corpus Tycho Brahe Brasil: novos dados, novos olhares. *Revista Linguística*, [s. l.], v. 17, n. 3, p. 202–227, 2022.

BAKER, M. The macroparameter in a microparametric world. In: BIBERAUER, T. (ed.). *The Limits of Syntactic Variation*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2008. p. 351–374.

BELLETTI, A. *Generalized verb movement: aspects of verb syntax*. Torino: Rosenberg & Sellier, 1990.

BIBERAUER, T. & ROBERTS, I. Towards a parameter hierarchy for auxiliaries: diachronic considerations. *Cambridge Occasional Papers in Linguistics* 6(9). 267–294. Place: Cambridge, UK, 2012.

BIBERAUER, T. & ROBERTS, I. Rethinking formal hierarchies: a proposed unification. *Cambridge Occasional Papers in Linguistics* 7(1). 1–31. Place: Cambridge, UK, 2015b.

BIBERAUER, T & WALKDEN, G. (eds.). *Syntax over time: lexical, morphological, and information-structural interactions* (Oxford studies in diachronic and historical linguistics 15). Oxford, United Kingdom: Oxford University Press, 2015.

BIBERAUER, T. Factors 2 and 3: A principled approach. *Cambridge occasional papers in linguistics* 10. 38–65. Place: Cambridge, UK, 2017.

BIBERAUER, T. & ROBERTS, I. Parameter setting. In Adam Ledgeway & Ian G. Roberts (eds.), *The Cambridge Handbook of historical syntax/Cambridge Handbooks in Language and Linguistics*, 234–162. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.

CARDOSO, L.; ANDRADE, A. L. D.; CARNEIRO, Z. O português colonial brasileiro: uma nova agenda de pesquisas entre o português clássico e o português brasileiro moderno. *DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, [s. l.], v. 39, n. 2, p. 1–27, 2023.

CHOMSKY, N. *Lectures on government and binding: the Pisa Lectures*. Dordrecht, Holland; Cinnaminson, [N.J.]: Foris Publications, 1981. (Studies in generative grammar, v. 9).

CHOMSKY, N. Three Factors in Language Design. *Linguistic Inquiry*, Massachusetts, v. 36, n. 1, p. 1–22, 2005.

CHOMSKY, N. On phases. In: FREIDIN, R.; OTERO, C. P.; ZUBIZARRETA, M. L. (ed.). *Foundational Issues in Linguistic Theory: Essays in Honor of Jean-Roger Vergnaud*. [S. l.: s. n.], 2008. (Current studies in linguistics). p. 133–166.

CHOMSKY, N. *The Minimalist Program*. Massachusetts: The MIT Press, 1995.

CINQUE, G. (org.). *Restructuring and Functional Heads. The Cartography of Syntactic Structures*. [S. l.]: Oxford University Press, 2006. v. 4

CINQUE, G. *Adverbs and functional heads*. Oxford; New York: Oxford University Press, 1999.

CORÔA, W. *Rastreando as origens do Português Brasileiro: a dinâmica da mudança na escrita de "Homens Bons" na Bahia Colonial*. 2022. 406 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2022.

CYRINO, S. On richness of tense and verb movement in Brazilian Portuguese. In: CAMACHO-TABOADA, V. et al. (ed.). *Information Structure and Agreement*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2013. p. 297–317.

EMONDS, J. The verbal complex V'-V in French. *Linguistic Inquiry*, Massachusetts, v. 9, n. 2, p. 151–175, 1978.

GALVES, C. A língua das caravelas: periodização do português europeu e origem do português brasileiro. In: CASTILHO, A. d.; MORAES, M. A. T.; LOPES, R.; CYRINO, S.(Ed.). *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*. Campinas: Pontes, 2007. p. 513–528.

GALVES, C. Relaxed verb second in classical portuguese. In: WOODS, R.; WOLFE, S. (Ed.). *Rethinking verb second*. Oxford: Oxford University Press, 2020. p. 368–395.

GALVES, C.; PAIXÃO DE SOUSA, M. C. The change in the position of the verb in the history of portuguese: Subject realization, clitic placement, and prosody. *Language, Linguistic Society of America*, v. 93, n. 3, p. e152–e180, 2017. ISSN1535-0665.

GALVES, C.; GIBRAIL, A. Subject inversion intransitive sentences from classical to modern European Portuguese: A corpus-based study. In: MARTINS, A. M.; CARDOSO, A. (Ed.). *Word Order Change*. Oxford: Oxford University Press, 2018.

GIBRAIL, A. *Contextos de formação de estruturas tópico foco no Português Clássico*. 2010. 298 f. Tese (Doutorado em Linguística) — Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2010.

HAEGEMAN, L. Verb-second, the split cp and null subjects in early Dutch finite clauses. *GenGenP* (Geneva Generative Papers), v. 4, p. 133–175, 1996.

HOLMBERG, A. Verb second. In: KISS, T.; ALEXIADOU, A. (Ed.). *Syntax theory and analysis: an international handbook of contemporary syntactic research*. Berlin:[s.n.], 2015. P. 342–383.

KATO, M. O português são dois... ou três?. In: LOBO, T. et al. (org.). *Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias*. Salvador: EDUFBA., 2012. p. 93–108.

KROCH, A. S. Syntactic Change. In: BALTIM, M.; COLLINS, C. (ed.). *The Handbook of Contemporary Syntactic Theory*. Oxford: Blackwell Publishers, 2001. p. 699–729.

KROCH, Anthony. Morpho-syntactic variation. In: BEALS, Kenneth et al. (Orgs.). *Papers from the 30th Regional Meeting of the Chicago Linguistics Society*: Parasession on Variation e Linguistic Theory, Chicago, v. 2, p. 180-201, 1994.

LEDGEWAY, A.; LOMBARDI, A. Verb Movement, Adverbs and Clitic Positions in Romance. *Probus*, [s. l.], v. 17, n. 1, 2005. Disponível em: Acesso em: 20 mar. 2022.

LIGHTFOOT, D. *Principles of diachronic syntax*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1979.

LUNGUINHO, M. V. da S. Verbos auxiliares e a sintaxe dos domínios não-finitos. 2011. 215 f. Tese – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

LOBO, T. A questão da periodização da história linguística do Brasil. In: CASTRO, I.; DUARTE, I. (Ed.). *Razões e emoção: miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mateus*. [S.l.]: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003. p. 395–409.

LOPES, A. C. M. Contribuição para o estudo dos valores discursivos de “sempre”. In: ACTAS DO XIII ENCONTRO NACIONAL DA APL 1997. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, 1998. v. II, p. 3–14.

LUCCHESI, D. A periodização da história sociolinguística do Brasil. *DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, Fap UNIFESP (SciELO), v. 33, n. 2, p. 347–382, aug 2017.

MARTINS, A. M. Clíticos na história do português. Tese (Doutorado)—Universidade de Lisboa, 1994.

MATOS, G.; CYRINO, S. *Elipse de VP no Português Europeu e no Português Brasileiro*. Universidade Federal do Ceará: [s. n.], 2001.

PAIXÃO DE SOUSA, M. C. Língua Barroca: Sintaxe e História do português nos 1600. Tese (Doutorado emLinguística)—Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2004.

PESSOA, M. d. B. *Formação de uma variedade urbana e semi-oralidade: o caso do Recife*, Brasil. Tubigen: Niemeyer, 2003.

POLLOCK, J.-Y. Verb Movement, Universal Grammar, and the Structure of IP. *Linguistic Inquiry*, [s. l.], v. 20, n. 3, p. 365–424, 1989.

RIBEIRO, I. A sintaxe da ordem no português arcaico: o efeito V2. Unicamp. 286f. Tese (Doutorado emLinguística)—Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 1995.

RIBEIRO, I. A mudança sintática do português brasileiro é mudança em relação a que gramática. In: CASTILHO, A. T. d. (Ed.). *Para História do Português Brasileiro*. São Paulo: Humanitas, 1998. p. 101–119.

RIZZI, L. The fine structure of the left periphery. In: HAEGEMAN, L. (Ed.). *Elements of grammar*. Dordrecht: Springer, 1997. p. 281–337.

ROBERTS, I. Macroparameters and minimalism: A programme for comparative research. In: GALVES, C. et al. (ed.). *Parameter theory and linguistic change*. Oxford: Oxford University Press, 2012. (Oxford studies in diachronic and historical linguistics, v. s). p. 319–334.

ROBERTS, I. On some languages lacking V-to-I movement. *A Schrift to Fest Kyle Johnson*, Linguistics Open Access Publications, p. 321–335, 2017.

ROBERTS, I. *Parameter hierarchies and Universal Grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2019.

ROBERTS, I.; ROUSSOU, A. *Syntactic Change: A Minimalist Approach to Grammaticalization*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2003. (Cambridge Studies in Linguistics, v. 100).

ROBERTS, I. The C-System in Brythonic Celtic Languages, V2, and the EPP, In: Luigi Rizzi (ed.), *The Structure of CP and IP: The Cartography of Syntactic Structures*, Volume 2, New York, NY, 2004; online edn, Oxford Academic, 2023.

ROBERTS, I. *Parameter hierarchies and Universal Grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2019.

SAPIR, Edward. *Language: an introduction to the study of speech* San Diego: HJB Books, [1921] 1949.

SILVA NETO, Serafim da. Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil. 2 ed. Rio de Janeiro: INL, 1986[1951].

TARALLO, F. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além mar ao final do século XIX. In: ROBERTS, I.; KATO, M. (org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. 3. ed. São Paulo: Editora Contexto, 1993. p. 54–82.

TESCARI NETO, A. On the Movement of Verbal Forms in Romance and English. *Language at the University of Essex (LangUE) Proceedings 2011*, [s. l.], p. 54–67, 2012.

TESCARI NETO, A. *On Verb Movement in Brazilian Portuguese: A Cartographic Study*. 2013. 392 f. Tese (Phd em Filosofia) - Università Ca' Foscari di Venezia, Veneza, 2013.

TESCARI NETO, A. Advérbios e o movimento do verbo. *Fórum Linguístico*, [s. l.], v. 16, n. 1, p. 3563–3578, 2019.

TESCARI NETO, A.; FORERO PATAQUIVA, F. de P. Do movimento do verbo finito e infinitivo em português brasileiro e espanhol colombiano: microvariação e cartografias. *Cuadernos de la ALFAL*, [s. l.], v. 12, n. 2, p. 491–511, 2020.

TESCARI NETO, A.; FORERO PATAQUIVA, F. de P.; WECHSLER, A. L. R. Hipóteses sobre o que desencadearia o movimento do verbo. In: III Encontro de gramática gerativa homenagem a Sonia Cyrino e Maria Eugênia Duarte, 2021, Online. Anais [...]. Online: [s. n.], 2021.

TEYSSIER, P. *História da língua portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

TORRES MORAIS, M. A. *Do português clássico ao português europeu moderno: um estudo diacrônico da cliticização e do movimento do verbo*. 1995. 374 f. Thesis (PhD in Linguistics) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1995.

NOLL, V. *O português brasileiro: formação e contrastes*. São Paulo: Globo, 2008.

WOLFE, S. A comparative perspective on the evolution of Romance clausal structure. *Diachronica*, JohnBenjamins, v. 33, n. 4, p. 461–502, 2016.

WOLFE, S. *Verb second in medieval Romance*. Oxford: Oxford Studies in Diachronic, 2018.

WOLFE, S. Redefining the typology of v2 languages: *The view from medieval Romance and beyond*. Linguistic Variation, JohnBenjamins, Amsterdam; NewYork, v. 19, n. 1, p. 16–46, 2019.

